



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

ARAMATU INJAI

**MARCAS DE ORALIDADE NA ESCRITA
DOS CONTOS POPULARES DA GUINÉ-BISSAU**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

ARAMATU INJAI

**MARCAS DE ORALIDADE NA ESCRITA
DOS CONTOS POPULARES DA GUINÉ-BISSAU**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Letras - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, (UNILAB) como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mírian Sumica Carneiro dos Reis.

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Josyane Malta Nascimento.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

I41m

Injai, Aramatu.

Marcas da oralidade na escrita dos contos populares da Guiné-Bissau / Aramatu Injai. -
2019.

58 f. : il. mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mírian Sumica Carneiro Reis.

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Josyane Malta.

1. Contos guineenses. 2. Língua guineense - Escrita. 3. Tradição oral na literatura. I. Título.

BA/UF/SEBI

CDD 896.31

ARAMATU INJAI

**MARCAS DE ORALIDADE NA ESCRITA
DOS CONTOS POPULARES DA GUINÉ-BISSAU**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Letras- Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras da universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, (UNILAB) como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovada em: 04/09/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Mírian Sumica Carneiro Reis (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Josyane Malta Nascimento

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Eliane Gonçalves

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Dedicatória: Dedico este trabalho a minha mãe Cadijatu Sanha e a memora do meu pai Duarte Dauda Injai. Se não fosse por eles não estaria aqui, concluindo mais um ciclo de na minha vida acadêmica, e aos meus irmãos Aissatu e Tumane, que me motivaram sempre e apostaram em mim.

AGRADECIMENTOS

Como dizem *o sucesso só é alcançado e conservado por aqueles que não deixam de tentar*, começo por agradecer a minha Família, os meus pais pela oportunidade que me deram de estudar, e pela confiança que depositaram em mim, nunca duvidaram da minha capacidade sempre acreditaram que conseguirei alcançar os meus objetivos e aos meus irmãos, Tumane, Aissatu, Djebo, Bintu, Issa, Adama e Aminata, que sempre, me apoiaram nessa trajetória, afinal esse momento não é só meu é de todos nós, agradeço de coração o Juscelino Jossly Moreira Borges meu cunhado, que sempre esteve e ainda está presente durante esse percurso da minha vida, sou grata a vocês por tudo o que vem acontecendo na minha vida, pois se não fosse por empenho e preocupação de cada um de vocês sobre mim não sei se conseguiria chegar onde estou hoje, obrigada por fazerem parte da minha vida e de torná-la mais significativa.

Agradeço a minha orientadora professora doutora Mirian Sumica Carneiro dos Reis, pelo grande empenho que teve em minha vida, desde os anos iniciais da minha formação, até no momento mais esperado da minha vida e na minha família, aproveito por agradecer em nome da minha família, por pelos magníficos conhecimentos que tem me passado durante esse percurso. A senhora é uma referencial na minha vida, pois através das aulas maravilhas que venho tendo com você, que me fez escolher o tema deste presente trabalho, a minha gratidão não caberia nesses simples palavras, como a cultura oral diz, que *o conhecimento é a riqueza mais valorosa do mundo*, pois a senhora me deu a oportunidade de ter esses conhecimentos que levarei para vida toda, meu muito obrigada. Ao Julio Quintino Cam-nate Sumba que me ajudou na formatação dessa monografia, que não foi uma coisa fácil de se fazer, obrigada por tirar o seu precioso tempo só para me ajudar na formatação.

Por fim, não deixo de agradecer aquelas pessoas que traçaram o mesmo barco comigo durante esses quatro anos e meio, os meus amigos minha nova família, os que sempre estiveram comigo durante esse tempo aqui no Brasil, aqueles que passamos os momentos bons e ruins da minha vida juntos, que se eu for citar os nomes e qualidade de cada um deles, não irei terminar. Os compartilhamos as pressões dos estudos, agradeço de coração a cada um de vocês, e as minhas colega e amiga da turma 2015.1, a pessoa especial, que não me vê como uma pessoa de outro continente, mas que me tem como amiga, Gessica dos Santos, levarei você comigo para vida toda. Cada um de vocês que coloquei e alguns que não foram mencionados nessa nota, teve e ainda tem grande importância na minha vida, pois vocês que fizeram de mim essa pessoa que sou hoje, a minha gratidão vai de coração para cada um de vocês.

Se a tua avó está te contando uma história ou conto, preste bem atenção e escute, pois é um privilégio que nem todos tem! Por isso sempre escute, o que o outro tem para te dizer.

RESUMO

Este trabalho se objetiva a estudar as questões de equidade de saberes tradicionais e saberes científicos na sociedade guineense, visto que em Guiné-Bissau, a valorização cultural e reconhecimento das tradições orais estão em uma fase lastimável. De modo que as culturas orais estão sendo menosprezadas, valorizando assim as de fora. Esse trabalho, tem por finalidade reconhecer os ensinamentos das culturas tradicionais orais como um instrumento pedagógico educacional na sociedade, trazendo as narrativas contadas pelos mais velhos que carregam ensinamentos importante na vida dos cidadãos guineenses, e mantendo as suas marcas da oralidade, na escrita. Os contos trazidos no presente trabalho são contados em duas línguas orais da Guiné-Bissau, em bafada uma das línguas autóctone, e foram traduzidos no guineense (crioulo/kriol) língua de unidade nacional, as suas narrativas, mantendo as suas cantigas em bafada, com exceção de um que é narrado em no guineense. A sociedade africana visto como uma sociedade da predominância da oralidade, as pessoas são educadas através dos saberes orais, pelos anciões nas comunidades e no seio familiar. De acordo com as entrevistas feitas para alguns cidadãos guineenses, obtivemos resultados unanimes em que todos os entrevistados obtiveram respostas subjetivas sobre a educação tradicional, o que demonstra que é muito importante refletir sobre a equidade entre os dois saberes na sociedade, Paulino Houtondji (2012) vai dizer que, “o direito à educação é um direito fundamental e as tradições culturais africanas esforçam-se por torna-lo efetivo” a partir disso Hampate Bá vai reforçar que quando more um ancião queima-se uma “biblioteca” . Por fim essa monografia foi produzida por esta razão regatar as memórias e os ensinamentos, que não estão sendo visibilizados de uma forma eficaz na atualidade, trouxemos alguns pensadores que vão desdobrar essa preocupação ao longo do trabalho.

Palavras-chave: Contos guineenses. Língua guineense - Escrita. Tradição oral na literatura.

RISUMU

É tarbadju tene suma objetivo, studa igualdad di kunhecimento di tradison di fala ku tradison skirbi, na sociedade guinensi di manera ki na Guiné-Bissau valorizason di cultura ku kunhisimentos ku nó tradison tene, i sta na fasi difícil. Pabia ki culturas sta na sedo disprezados, é sta na valoriza kil di fora. É tarbadju tene finalidade pa ricunhici nsinamentos di kultura di fala suma um fermenti di pedagogia na sociedade, i tambi i tisi stória ku no garandis ta contanu, ku tene importância garandi na bida di guinensi, i pa manti tambi manera ku é ta kontal, pa ka muda nada na sé fala hora kina skirbidu. Stórias ku tisi na é tarbadju, i kontadu na dus língua, biafada, ku kriol língua di unidadi nacional, mas cantigas manti na biafada, além di é stórias i tem um som kuka traduzidu na kriol. I sibi kuma sociedade africano i um sociedadadi ku ka tene escrita só fala, djintis ta educado atraves di garandis kuka sibi skibi, na casa ku bantaba. Di acordu ku ntirbistas ku fassido pa alguns guinensis, rusultadus ku otchado i sedo bom, pabia djintis ku ntirbistadu tudo konta kuma, i bom no pensa na djustisa entre dus kunhicimentos, Paulino Houtondji (2012) fala kuma, “diritu a educação i um diritu importante na vida di um sidadon africano, i djintia ta forsa tchiu pa mantil assim” a partir des Hampate Bá fala kuma, ora ku um alguim garandi murri, ku si kunsimento, i suma ora ku um biblioteca kema. Pa kaba, é monografia skirbido pa é finalidade di rekupera kunhisimentos di tempo di nó donas, kuka sta nadjubidu na no stórias, nó tisi alguns otores kuna bim papia sobre é preocupason na é tarbadju.

Palabras Tchabi: Cultura. Fala. Nsinamento. Stória. Tradison.

ABSTRACT

This work aims to study the equity issues of traditional knowledge and scientific knowledge in Guinean society, for in Guinea-Bissau, cultural appreciation and recognition of oral traditions are in a pitiful phase. So that oral cultures are being belittled, valuing outsiders. This job, has aim to recognize the teachings of traditional oral cultures as an educational pedagogical instrument in society, bringing as narratives told by the elders who carry important teachings in the lives of Guinean citizens, and keeping their orality marks in writing. The tales brought in this paper are told in two oral languages of Guinea-Bissau (crioulo/kriol) language of national unity, their narratives, keeping their songs in bafada, except for one that is narrated in Guinean. African society seen as a predominantly oral society, people are educated through oral knowledge, by the elders in the communities and within the family. According to the interviews made for some Guinean citizens, we obtained unanimous results in which all interviews obtained subjective answers about traditional education, what shows that it is very important to reflect on the equity between the two knowledges in society, Paulino Houtondji (2012) will say that, "The right to education is a fundamental right and African cultural traditions strive to make it effective" From this Hampate Bá will reinforce that when an elder dies burns up a "library. "Finally, this monography was produced for this reason to rescue these teachings, that are not being effectively visible today, we brought some thinkers who will unfold this concern throughout the work.

Keywords: Guinean language - Written. Guinean tales. Oral tradition in literature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa da Guiné-Bissau	13
Tabela 1 - Tabela da entrevista	40

LISTA DE ABREVIATURA DE SIGLAS

INEGB - Instituto Nacional de Estatística Guiné-Bissau

UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	PERMANÊNCIA DA ORALIDADE E O RESGATE DA MEMÓRIA DOS MAIS VELHOS, NA CONTEMPORANIEDADE	16
2.1	O RECONHECIMENTO CULTURAL E ENSINAMENTOS PRESENTES NOS CONTOS E HISTÓRIAS	16
2.1.1	Sirá e Nima	20
2.1.2	Lubo ku Lebre	22
2.1.3	A valorização e significação dessas línguas orais no cotidiano guineense	23
3	A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA TRADICIONAL PAUTADA À EDUCAÇÃO ORAL TRADICIONAL QUE É MUITO VISTO NA SOCIEDADE AFRICANA E PEDAGOGIA CIENTIFICA PENSANDO NA PERSPECTIVA ESCOLAR, NA SOCIEDADE	25
3.1	OS CONTOS POPULARES COMO UM ACERVO PEDAGÓGICO NA SOCIEDADE	26
3.1.1	Sene Basangue	28
3.1.2	Mindjer ku Pamba (Coxa)	32
3.2	PARA QUE SERVE ESSES CONTOS NAS ESCOLAS	32
3.2.1	N'bangasadi & Djamondi	34
4	NÃO SE DESFAZ DO SEU PRÓPRIO CORPO, OS SABERES TRADICIONAIS VIVE EM NÓS	37
4.1	O RECONHECIMENTO CULTURAL E ENSINAMENTOS PRESENTES NOS CONTOS E HISTÓRIAS	38
4.2	ENSINAMENTOS DOS CONTOS	44
4.3	ANÁLISE GERAL DOS TRAÇOS ORAIS NAS ESCRITAS DOS CONTOS POPULARES DA GUINÉ-BISSAU	45
5	TRADUÇÃO DOS CONTOS EM PORTUGUÊS	47
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
	REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

Este presente trabalho foi pensado a partir das vivências que eu tive desde criança com a educação oral na minha família, os meus pais são conservadores na questão cultural, desde pequena eu cresci escutando contos e história com eles. Somos da etnia biafada, que se encontra na região Sul de um pequeno país Guiné-Bissau, que situa na costa ocidental da África, com superfície total de 36.125 km², com população total de 1, 584. 791 habitantes de acordo com os dados de Instituto Nacional de Estatística Guiné-Bissau (INEGB) no ano 2018. Fez fronteira com Senegal ao Norte, e Guiné-Konacry ao Sul, e zona Este e Oeste é banhado pelo oceano atlântico.¹

Figura 1 - Mapa da Guiné-Bissau



Fonte: Disponível em: <<https://sites.google.com/site/lusofonotr/musica/musica-da-guine-bissau>>. Acesso: 23 ago, 2019.

Sou de Bissau capital, minha mãe é de Sul do país, mas mora em Bissau há muitos anos o meu pai é de Bissau, como eu disse em cima os meus pais, consagram muito a nossa cultura étnica, eles repassaram os ensinamentos que tinham recebidos dos mais velhos, a mim e aos meus irmãos. Tive esses ensinamentos desde criança, até na fase de adulta. Optei por fazer o

¹ Dados de Instituto Nacional de Estatística Guiné-Bissau (INEGB) Disponível em: <<http://www.stat-guinebissau.com/>> Acesso: 23 ago. 2019

meu trabalho de conclusão do curso, um resgate da memória da minha infância, as vivências que eu tinha com os meus pais e com a minha avó materna, eles passavam alguns contos e histórias populares da minha língua étnica, a minha mãe traduzia de bafada para o guineense, que é a minha língua materna, mantendo suas marcas de oralidade em suas cantigas que ela não traduzia. Escolhi o tema do meu trabalho através de algumas disciplinas que eu tive durante a minha formação, que dialogam com os saberes tradicionais, Teoria da literatura I e II, que foi ofertado pela orientadora deste presente trabalho, Professora doutora Mirian Sumica Carneiro Reis, e peguei uma outra disciplina optativa Teoria das narrativas com o professor doutor Igor Graciano Ximenes, quando comecei a cursar essas disciplinas, me despertou mais interesse em estudar sobre os estudos tradicionais orais na minha sociedade. Comecei a pesquisar mais sobre o assunto para poder ter mais base do que pretendo trazer na minha pesquisa. Esses dois esquiadores me motivaram de uma forma, direta/indireta pois, despertaram uma luz verde em mim, para seguir nessa linha de pesquisa teoria da literatura.

Como a oralidade é muito presente na minha vida e na minha sociedade, optei por escolher esse tema: **Marcas da Oralidade na Escrita dos Contos Populares da Guiné-Bissau**, pois falar da oralidade é da minha autoria e é, do meu zona de conforto, trazer esses contos para o meu trabalho, é como se fosse reviver aqueles momentos com a minha família e com a minha comunidade. Os contos trazidos no trabalho, têm uma significação muito importante e significativa para mim tanto para minha família, e para sociedade, de modo que eles ofertam ensinamentos importantes, lições significante que um ser humano precisa para saber lidar com outras pessoas na sociedade, eles apresentam três características: Ser humilde, ter respeito ao seu próximo respeitar suas escolhas e ter empatia ao seu próximo. Fazer a dor do outro a sua dor, a comunidade africana usa muito o conceito de coletividade (UBUNTU), essas características são presentes neste contexto social. Os contos foram contados em guineense deixando suas marcas da oralidade em bafada nas suas cantigas, para que não possam perder as suas essências e sua originalidade ao serem passados para o português, os ensinamentos estão em português e as importâncias da oralidade, também os contos foram traduzidas na língua referente, pensando nos públicos leitores que não têm acesso a essas línguas orais da Guiné-Bissau.

Neste presente trabalho, trataremos das **Marcas da Oralidade na escrita dos Contos Populares da Guiné-Bissau**, a sua importância na vida dos guineenses, e na sociedade africana, que contém a oralidade como o seu suporte da educação, diferente das outras sociedades, ela prioriza, as educações tradicionais orais, que são transmitidas de gerações em gerações até nos dias presentes. O trabalho é dividido em três capítulos sem contar com a introdução e

referências, e cada capítulo dialogará com alguns teóricos que discutem as questões da oralidade no contexto social africano, e guineense. No primeiro capítulo, **Permanência da oralidade e o Resgate da Memória dos mais Velhos, na Contemporaneidade**, discutiremos sobre a importância da tradição africana, no contexto da Guiné-Bissau, sendo um país da multiculturalidade étnica, a importância dos contos contados, em várias línguas étnicas e no guineense, respeitando sua marca da oralidade. Este capítulo está dividido em dois subtítulos principais, cada um desenvolverá o seu conteúdo de uma forma sucinta sobre o assunto apresentado. I.I -reconhecimento cultural e valorização dos contos e histórias; trata-se de reconhecer a cultura, e a valorização das demandas étnicas e familiares. Pensando nas perspectivas de ensinamentos presente nos contos, na qual as intenções dos contadores de histórias ao narrarem um conto, para que finalidade eles usam esses contos e histórias. E do subtítulo I.II- A valorização e significação dessas línguas orais no cotidiano guineense; discutiremos sobre os valores das culturas orais e das línguas orais, que são veículos da transmissão dos ensinamentos dos mais velhos para os mais novos. No segundo capítulo, II - **A importância da pedagogia tradicional pautada à educação oral tradicional que é muito visto na sociedade africana e pedagogia científica pensando na perspectiva escolar, na sociedade**, discutiremos como a educação oral tradicional são vistas nas academias, e qual espaço essas narrativas orais ocupam, no contexto de ensino da literatura, levando em conta que ela é vista neste contexto da fala, como uma pedagogia tradicional que se vê na educação tradicional, dada em casa, pelos familiares e pela comunidade. As duas educações andam juntos em alguns contextos africanos, e os conhecimentos que os educandos adquirem durante os seus percursos de letramentos social e alfabetização. No II.I – contos populares como um acervo pedagógico; tem por finalidade falar sobre a educação tradicional oral, como a formação de pessoa pois ela começa desde a fase inicial da pessoa até na fase adulta, recebendo ensinamentos. No II.II – para que serve esses contos; discorreremos sobre a relevância que esses contos tem na sociedade; No terceiro e último capítulo **Não se Desfaz do seu próprio Corpo, Os Saberes tradicionais Vive em Nós**, descoraremos sobre a importância que os contos tem na vida dos africanos sobretudo dos guineenses, a forma que os contos se insere em vivências desde criança e até na fase adulta. III.I – O reconhecimento cultural e ensinamentos presentes nos contos e histórias; que vai discutir sobre as duas identidades nacionais e cultural a confusão identitária. Os ensinamentos das tradições, que os mais velhos passam de geração em geração, para ensinar os seus descendentes. Por fim, no III.II – **Análise dos contos**, analisaremos esses contos, mostrando as lições de moral, e os seus ensinamentos presentes, em seguida apresentaremos a tradução dos contos em língua portuguesa.

2 PERMANÊNCIA DA ORALIDADE E O RESGATE DA MEMÓRIA DOS MAIS VELHOS, NA CONTEMPORANIEDADE

Começo este capítulo, pensando como escrever um conto ou história contado na língua guineense (crioulo/kriol) e biafada, para ser repassada em língua portuguesa! Odete Semedo vai dizer que isso “toca um conflito que está indicado em diversas produções literárias de escritores oriundos de países bilíngues e multilíngues, porque diz da importância do crioulo tem no dia-a-dia dos seus falantes”, essa intimidade com a língua materna torna o falante mais “confuso”, mesmo tendo domínio na língua portuguesa o fato de ter mais contato com o guineense (crioulo/kriol), leva o sujeito a um grande questionário. Em que língua escrever? Será que se for escrito na minha língua de maior intimidade será aceite? E quem seria o seu público leitor? Levando em consideração que a sociedade guineense em algumas partes o povo não tem o hábito da leitura, pois o nível de alfabetização é um pouco baixo, comparando com a taxa do analfabetismo, e principalmente dos leitores dos textos literários, o público alvo não seria uma grande quantidade da população. Se for escrito em português ganharia mais público, mas perderá o seu caráter da oralidade, e passará a ter um outro rumo, que deparará com algumas alterações, as linguagens não estarão na mesma sintonia, as palavras escaparão frequentemente e dará uma divergências de ideias, porém, tem palavras em guineense (crioulo/kriol) e em biafada que não têm significados em português, que se formos traduzir, não terá um significado significativo para tal. Por este motivo optei por escrever os meus contos populares e suas cantigas em guineense minha língua materna, da maior intimidade e em biafada que é a minha língua adicional.

2.1 O RECONHECIMENTO CULTURAL E ENSINAMENTOS PRESENTES NOS CONTOS E HISTÓRIAS

A civilização africana é uma cultura múltipla, cada grupo social ou étnico tem a sua forma de realização ritual. Mesmo com essa diferença ainda tem traços em comum, as tradições orais os unem, em toda comunidade africana entende-se a oralidade como uma herança patrimonial, visto que essas tradições têm o mesmo propósito, passar os conhecimentos dos mais velhos para os jovens, na família e na comunidade.

O costume tradicional africano limita-se a uso da oralidade, para as realizações rituais nos familiares e na sociedade. Esse traço agrega-se na valorização dos seus passados, que não estão guardados em folhetos historicamente, e sim, uma coisa oral (abstrata), que é falado e

conservado mentalmente, assim vem passando de geração em geração, as heranças, valorosas e sagradas para esse povo. Homero *apud* Houtondji (2012) apontam que, as civilizações africanas tradicionais são civilizações de oralidade. Essas civilizações não usam frequentemente as escritas nos seus contextos sociais, apenas fazem um uso marginal do suporte dela em alguns momentos, nas quais as mensagens são “palavras aladas que voam da boca para a orelha.

O conhecimento oral, ao ser passado para escrita, perdem suas originalidades e passam a ter outro caráter mais limitado, o que faz com que as suas características perdem os seus valores, a oralidades é explícito, traz mais simplicidade e reação imediato, enquanto que na escrita essas características se ausentam, visto que a cultura oral produz fenômenos notáveis, que ficam obscuro numa cultura escriturária, diz o pensador Houtondji (2012), fica obvio nos contos populares a ser tratado a diante, a amplitude de um conto oral é mais extensa do que um conto escrito, que é muito objetiva.

A sociedade guineense valoriza a oralidade no seu dia a dia, cada família guineense, considera um conto ou uma história como herança dos mais velhos, que tem que ser protegida como um patrimônio familiar, que fica só naquele meio, e nem pode ser repassado para quem não é o membro pertencente da mesma, isto, se torna como um ritual, que tem que ser cumprida de geração a geração, pois essas gerações são a memória e biblioteca dessas oralidades. Citei “memoria” no sentido em que esses contos ou histórias não estão registrados no papel, mas, estão guardados nas mentes dos anciões herdeiros patrimoniais.

Sendo assim, essa sociedade considera a oralidade como um todo a herança cultural e social, em que o dizer de um conto ou história não se vê como propriedade particular, mas que as palavras são repetidas de boca a boca o que lhe torna coletivo.

Por tanto ouvir histórias ou contos inclui a imaginação dos personagens presentes nela, e do local do acontecimento, período tempo e espaço, Houtondji (2012) ressalta que, “o conto não anexa apenas o terreno do imaginário para fazer sonhar ele afirma os valores e os antevaleores do grupo social, no desvio do processo pelo qual se constitui o arquivo na memória do povo”, o que lhe torna como tesouro de conhecimentos vivenciados.

Para alguns grupos étnicos guineenses, os contos têm “valores” muito significativos, na maioria das vezes tem contos que são baseados nos fatos reais, não é visto como um “imaginário,” e é tratado como uma coisa existencial presente em suas vidas, a realizações rituais do mesmo os fazem acreditar ainda mais que é uma realidade vivida a partir do que é dito sem ser uma coisa concreta o que comprova que não é um imaginário, esses contos, contribui da forma direta na vida da pessoa pertencente a esse grupo diariamente, traz os

benefícios para o indivíduo que aceita cumprir as demandas ditas no conto. Os “ante-valores”, desses contos é a não realização das demandas ditas e menosprezo desses valores pelo qual é incluso a não realizações cerimoniais, que vem trazendo consequências fatais às vezes, visto que, tem contos orais que são considerados sagrados e devem ser cumpridas da forma como é dita, se um membro da família é escolhido como dirigente para cumprir esses rituais, e ele não souber dar a conta realizar bem a cerimônia, o outro membro da mesma família paga as consequências. Há existência disso em alguns grupos étnicos guineenses.

Os africanos consagram os grandes heróis pelos seus nomes, às famílias pertencentes esses heróis são respeitados e considerados superiores na comunidade em que vivem as custas dos heróis, de modo que o nome do herói nunca perde, cada família bota o nome do filho igual à do herói, tem um ditado que diz, “a pessoa puxa o seu xará até no seu sete artimanhas e atos,” os pais querendo que seus filhos sejam valentes e competentes como heróis fazem isso frequentemente repetindo os nomes. Houtondji (2012) vai dizer que, “num contexto oral, a história flui preferencialmente no molde da epopeia [...] que procede pera dos “grande nome” e das “grandes ações”, os heróis dos contos orais são vistos como heróis épicos de modo que eles lutam pele nação ou pela família, não por si mesmo. A oralidade abrange todos os gêneros literários, de forma direta ou indiretamente. A forma direta, são os contos, histórias, fábulas, lendas, anedotas e adivinhas etc. Apresentam as características das oralidades. O romance, drama e os demais gêneros literários apresentam características da oralidade da forma indireta.

Essas relações se veem mais no aspecto de novas tecnologias, tudo o que era um segredo novo no mundo das tradições orais, não é uma novidade nas ciências, pois as máquinas produzem a cada dia novas coisas de modo que as notícias nos chegam em casa todos os dias, alguns pensadores vão dizer que, “relações entre os saberes tradicionais e as ciências sócias modernas vem fundamentalmente colocar a problemática das relações entre dois modos de arquivagem que dizem respeito respectivamente ao escrito e ao oral, a publicidade e o segredo, divergindo os dois modos, realçando o outro e diminuindo o outro diz Houtondji (2012) o pensador Walter Benjamin (2014) vão dizer que, “somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações [...] quase nada do que acontece está a serviço da narrativa” essas afirmações revelam a perda das narrativas na nossa sociedade por conta das revoluções industriais. Os saberes tradicionais tem os costumes de conservar suas notícias os seus conhecimentos o que seria surpreendente para saberes tradicionais não é novidade no campo das ciências sócias modernas que cujo os seus saberes se baseia nos estudos e pesquisas.

Essas questões vêm sendo discutidos há muito tempo atrás, os dois pensadores em cima falaram da fragilidade da oralidade nos conteúdos sociais diferentes, na Europa e na África, essa problemática traz muitas reflexões para vários teóricos e estudiosos, possibilidade de prestigiar a oralidade da mesma forma que a escrita é prestigiada. A forma que a escrita é valorizada através do caprichos que ela vem trazendo acompanhado de tecnologia, faz com que a fala não seja uma coisa confiável, quando não seja passado pela folha no contexto da escritura, em alguns conteúdos, principalmente no contexto africano, a fala tem grande importância de modo que ela é usada para dar benzas, para amaldiçoar pessoas, contar narrativas, realizar rituais e cantigas. Os anciões africanos transmitem suas sabedorias através das suas falas, e são considerados sagrados.

Traremos alguns contos orais que os meus pais me contavam quando era criança, pois gostava muito de escutar histórias e contos e tinha algumas histórias que são narradas na minha língua étnica bafada, os meus pais traduziam para mim em crioulo, mesmo com essas traduções as marcas da minha língua ficavam nas cantigas presentes nas histórias. A minha avó materna trazia os contos das suas experiências vividas, narrava para mim e os meus irmãos. Eu gostava de escutar esses contos e histórias, mas, não sabia o quanto era valioso saber sobre a minha avó na época, na verdade era um privilégio saber um pouco sobre experiência vivida da minha avó, pois como um pensador disse “os mais velhos são bibliotecas de saberes,” e a gente é simples aprendizes que consulta essa biblioteca.

Ainda me lembro como se fosse ontem, sentando na varanda da minha casa, com os meus pais na noite de luar, deitava a cabeça no colo da minha mãe, ela fazendo cafuné em mim e na minha irmã mais nova, era ali o meu lugar preferencial de escutar histórias para depois dormir, ao dormir me levavam para cama. Tem dias que ela mesma cansada tinha que dar um jeito de nos contar as histórias, pois a lembrava, o horário era depois do jantar, sempre que sair a lua ficávamos no varal da minha casa, ela começava a contar histórias que ela ouvia dos mais velhos da família, repassava para nós no sentido de querer que agente aprenda sobre a nossa cultura e conhecer um pouco sobre a realidade do mundo em que vivemos.

Trarei um pequeno conto que eu gosto muito, é de uma menina que namora um peixe no mar, que a irmã morria de inveja dela até ao ponto de matar o peixe com o pai. Pedia sempre a minha mãe o mesmo conto. Dizem que esse conto é baseado nos fatos reais é um conto narrado em bafada e também no guineense (crioulo/kriol). Vou narrar como foi é narrado para mim, deixando suas marcas da oralidade, como eu disse em cima a minha mãe traduzia em crioulo as histórias, mas, não suas cantigas.

2.1.1 Sirá e Nima

Era, era!

Era certo!

I tem um tabanka, nunde kina vivi um badjuda tchomadu Sirá, i mora ku si mamé, si papé ku si ermonsinho. Si ermonsinho, ka muito gosta del, si papé ku si mamé mas gosta di dila, di ki Sirá.

Sirá t ata fasi ba kuas tudo tarbadju di cas, ita bai laba ropa na bera di mar, um dia na ki laba ropa, Nima parsi parel, i odja kila i panta, kila conbersa kel, Sirá. Kila ta sai tudo hora kina laba rosa pa djumbai kel, i bim kaba pa kiri Pis na mar.

Nome di pis i Nima, ita kume forinha, a partir di ki dia ku Sirá ta sta ku Nima, ita ieki arruz tudo dia na sé kau, i pila forinha, i pui na cabas, i leba pa mar, si ermonsinho ta fika ina djubil na ki bai bim di tudu dia. I misti diskubri kim ku Sirá ta leba forinha tudo dia.

Um dia i fala Sirá,

-aos n'misti bai ku bo pa nundé ki buta bai tudo dia! kila falal:

- bu kana bai.

Otcha Sirá kaba só pila forinha, i carga cabaz, pa bai, kila pega si tras, i vira si odja kila na bai si tras, i riba i sutal pé pudi riba casa, kila findji kuma ina riba, i bida mosca i bua i sinta na cabas di Sirá. Sirá ka sibi ba kuma kila tene puder ita bida, é bai tó ki Sirá tchiga na mar, i tem um pé di arburi ku sta na bera di mar, ermonsinho bua i bai sinta lá.

Sirá tene manera ku ita tchoma Nima tudu dia ku i bai, ita fala:

- Nima, Nima, Nima!

Kila sai, i dal forinha, otcha i kaba kumé é djumbai, ermonsinho odja ki kusa tudo i bua i bai casa, i tchiga só i konta sé mamé ku sé papé kuma:

- Sirá kiri pis na mar, el kita leba ki forinha kita pila tudo dia li.

Papé rispundi i falal:- sta bom, amanhã, nona bai mata ki pis ku i kiri.

Sirá riba casa ninguim ka falal nada, si mamé peral parmanha i falal:

- Sirá, bai busca lenha, na matu no lenha perto kaba.

Sirá sai i bai busca lenha, otcha só i bai, ermonsinho, curri djanam pa bamba i bai panha arruz ieki, i pilal rápido artis di Sirá bim di busca lenha. I bai ku si papé, é tchiga só, i fala djanam:

- Nima, Nima, Nima!

Suma ku Sirá ta fala, Nima sai, i odja djintis ku ika kungsi, i odja omi pega tarsadu na mon, i diskunfia, mas suma i odja badjudasinhua lebal forainha, i toma só i kumé. Otcha i kaba kumé i da costa pa bai, papé pega ki tarsatu i cutulal kel na garganti, Nima murri.

É pegal é leba casa, i bai kusinhal, otcha é kaba kusinha, mamé sirbi, i toma cabeça di Nima i pui na tigela di Sirá. Otcha i tchiga di busca lenha som, si ermonsinhua, bai djanam pa nundé ki sta nel i lebal si bianda, kusa ki nunka i fasi pa Sirá. Kila abri tampo di tigela, i odja ki cabeça i diskunfia, i tapa bianda, i bai pa bamba i toma arruz i ieki, i pilal rapidu i pega caminhua pa mar, si mamé odja ina bai só, i pega si tras.

Otcha Sirá tchiga na mar, i kunsua tchoma:

Nima, Nima, Nima!

Kila ka sai, i ripiti mas, utu pis ki sai na iagu, i fala: - não ika abo! I ripiti mas:

- Nima, Nima, Nima! Nima Nima Nima!

La ki kunsua fiaha kuma ki cabeça ki odja na tigela, i di Nima, i kunsua tchora djanam ina canta ao mesmo tempo.

-Nima lé fi dinmi Nima lé, té bu dinma fum...

Si mamé na djamul, ta rispundi i falal:

- Sirá, óh gã nalé n'doba lé n'doba gã n'bambol...

Ita ripiti mas kanta, conforme ina kanta, assim ki fica ina ria na mar, mamé fica ina tchora, ina ina falal pé riba, mas Sirá ka seta obil, na ki momento i misti só odja si amor. Assim ku i ria na mar to ki pirdi. I bida pis bus, i passa i tene alguns características em comum ku pecaduris, i tene mama, femias ta tene mindjerndadi suma di mindjer. Ita vivi na mar té gos, i difícil piska i kata seta pa piskal, ita vira canua di piskadures, hora ku é tente piskal.

A minha mãe usava o moral dessas histórias para nos fazer entender que devemos amar os nossos próximos e respeitar as suas escolhas, ela perguntava, se queríamos ser como a Sirá e a sua irmã que morria de inveja dela? Respondíamos que não, ela trazia isso, para que consigamos ter o amor fraternal amar a minha irmã, porque depois, ela dizia então *“você tem que se gostar uma de outra e se preocupar, com outa como se fosse com você mesma quando algo está acontecendo com sua irmã e ela não está bem”*. Dizíamos que sim, mas, a pouco tempo atrás que comecei a reconhecer esses valores pois era criança, e não tinha consentimento de quanto era reveladora esse conto, e como reflete em nossas vidas no nosso dia a dia. A falta de empatia ao seu próximo está ficando cada vez maior, de modo que cada um se preocupa com o seu problema, o problema de outro é de outro, o que no mundo da oralidade, não acontece, o problema do outro é coletivo, e todos se preocupam em resolvê-lo.

Trataremos sobre um outro conto que relata sobre o egoísmo de Lebre contra o Lobo numa aldeia (roça), o conto traz os ensinamentos que façam com que as pessoas tenham um olhar sensível ao seu próximo, pois a sociedade africana considera muito a coletividade, pensando no outro, se existir a pessoa nesse meio que não tenha esse pensamento a comunidade a chama atenção, se não mudar sofre o isolamento na comunidade. Na atualidade esse costume é mais visto no interior do país, o problema de uma pessoa é de todos, esse conto cujo o narrador anônimo, é contado na língua guineense como um ensinamento patrimonial da sociedade guineense.

2.1.2 Lubo ku Lebre

Era, era!

Era, certo!

Es i Lubo ku Lebre, eles i amigos, Lebre ta mostra dja kuma i mas djiru di ki Lubo sempre na tudo ké ku é na fasi, i bim tene badjuda, suma el i amigo d Lubo i convida kila pa é bai djubi si badjuda.

É bai, contra é tchiga na kau d badjuda, kila sirbi elis tchebem ena kumé, ora ku Lebre kumé ita toma carus ku bagus di tchebem, i bota bas di Lubo, pa pudi fala dja kuma Lubo, mas ta kumé tchiu di ki el, otcha é kaba kumé, papé di si badjuda falal:

- Nha fidju Lebre, buka kumé nada!

I respondi kila:

- N'kume gora só ki ami nkata Kumé nam tchiu suma Lubo.

Logu papé di badjuda falal:

- N'bom ami nha fidju ta kumé tchiu ikana pudi casa ku bó, ina bim murri di fome gosi na da Lubo el pa i kassa.

Logu i da Lubo mindjer, Lebre fica sim mindjer.

O conto Lobo é Lebre, é conto popular cujo característica de uma fabula, as personagens protagonizam o pape de um ser humano. Lobo e Lebre, são um dos contos mais frequente no dia a dia dos guineenses, tem várias versões contadas, mas sempre a Lebre sai o vitorioso na história. Esse conto requer deixara mensagem de que, nunca mostre a sua inteligência com a intenção de atrapalhar o seu próximo, porque no final você acaba se afundando e prova o seu próprio veneno. Em todos os contos populares de Lobo e Lebre, sempre a Lebre é o mais inteligente da história, mas, nessa narrativa ela saiu perdendo o narrador anônimo inverteu a história.

2.1.3 A valorização e significação dessas línguas orais no cotidiano guineense

A Guiné-Bissau, sendo um país de multiculturalidade, com vários grupos étnicos e várias línguas, tendo a língua guineense como a língua de “unidade nacional” falada pela maioria de população, os contos são contados em todas essas línguas e são traduzidas no guineense (crioulo/kriol) na maioria dos casos as marcas dessas línguas ficam em suas cantigas que os contadores preferem não traduzidas, para que o conto não perca a sua originalidade.

O chamado “crioulo” da Guiné, o guineense, tem seu início de formação no século XVI, com os primeiros contatos entre os viajantes e navegadores portugueses [...]o crioulo passa a conviver com o português conhecendo grande expansão no período das lutas de libertação Augel (2007). Nessa vivência entre os colonizadores e os nativos, essa língua passou a ganhar influência do português no seu léxico, e de línguas autóctones do país, sendo a língua autônoma na atualidade o guineense expandiu-se através da sua literatura que é escrita para alguns autores em duas línguas, é escrito no guineense pois é a língua de maior intimidades e de expressão dos sentimentos mais profundas desse povo e é traduzida em português.

Os escritores optam escrever suas literaturas em duas línguas, para que possam ser lidos para outros países, divulgando sua cultura, e despertando os seus leitores uma curiosidade de saber mais sobre o país e da língua, provocando os outros pesquisadores para fazerem mais estudos sobre a cultura local, conhecer as diversidades culturais que se encontra no país.

Sendo assim, a pensadora Cristiane Velasco (2018) vai apontar que, “a literatura oral, com o seu vasto imaginário, pode ser entendida como a grande textualidade tradicional, uma espécie de fundo rendado comum a cada cultura, composto de matérias diversas que se articulam e se agrupam de acordo com estruturas próprias.” O que elava as diferenciações de cada cultura e a estrutura de cada gênero literário, contendo contos, histórias, fábulas, adivinhas entre outros etc.

Na tradição oral, a ligação entre arte moral e ética é muito estreita, constituindo um momento informal de educação dos mais novos. A arte literária africana tradicionalmente encerra, de modo claro ou subliminar, referências ou intenções didáticas. (AUGEL 2007, p. 30)

De acordo com algumas pesquisas feitas para esse trabalho e da experiência vivida, venho, discordando com essa ideia do autor Augel (2007) diz que a tradição oral é “estreita”, e é, a tradição “subliminar” nas intenções didáticas, pois, se a oralidade já é estrita do seu zona de conforto, como ela foi considerado, o mais fluente na sociedade africana e sobretudo em

Guiné-Bissau? Venho respondendo essa questão pensando na educação tradicional oral, que nela é acompanhado de todos os caprichos da moral, arte, e a ética, visto que na nossa sociedade, as pessoas que receberam ou recebem a educação tradicional, conseguem ter apreciação desses valores e saber respeitá-los, da forma que consideram esses valores como um patrimônio cultural da sociedade em que se insere. Lembrando que a maioria dos países africanos, são agrafos, a didatização se enquadraria, em transmitir os conhecimentos dos anciões para ao mais novos de boca para orelha, contam as narrativas, na sequência dão moral da história e a partir disso os aprendentes consigam absorver esses conhecimentos. A tradição é viva, e a repetição vem acompanhada a sua trajetória, a palavra “subliminar” não enquadraria nesses contextos social, se a tradição, “encerrasse” esses valores, os ensinamentos teriam um outro caráter, visto que a oralidade é explícita, se ela criasse restrição a sociedade não a tomaria como uma forma de educar um indivíduo, mas sim uma forma de passar tempo com as histórias e contos.

A importância da oralidade na sociedade guineense, vem no sentido de reconhecer, e valorizar a sua cultura, suas vivências, valorizar os seus mitos e ritos, esses valores só são ditos ou realizados a partir do que as memórias dos ancestrais recomendam. A oralidade é respeitada e consagrada, para os guineenses a voz de uma pessoa tem muito peso, de forma que consegue permanecer até em sétimas gerações, quando o mais velho diz, alguma coisa, que seja importante permanecerá, mas quando a coisa foi dita com a intenção de amaldiçoar, permanece da mesma forma, a não ser que a pessoa falasse sem intenção de ferir o outro, que seja uma coisa de boca para fora.

A cultura das línguas orais guineenses, estão numa fase de muita crítica, pois, os saberes orais, estão sendo muito maçados pelos saberes científicos, da forma que, as heranças das medicinas tradicionais, que essas culturas têm como fonte de conforto das doenças e epidemias, estão sendo vistos como uma ameaça para a vida dos povos. Algumas famílias que são ditas curandeiros (médicos tradicionais) que as suas medicinas funcionam na comunidade, nos dias de hoje elas estão sendo ignoradas, a procura de saberes científicos, que desconhecem tipo de tratamento como uma forma positiva para a saúde.

Esses curandeiros utilizam os remédios naturais, como folhas, raízes das plantas, camadas dos troncos das árvores, para remediar os seus pacientes. Essa cultura ainda é viva, e tem muitos conservadores, que estão mantendo isso a tradição, como estão mantendo dos contos que em várias comunidades no interior do país, ainda é muito frequente, ver todos os jovens da comunidade se reunirem em casa da pessoa mais velha da tabanka para receber ensinamentos, e lá

acendem as fogueiras para que todos sentam de frente a frente fazendo um círculo em volta dela, para escutar os mais velhos, depois todos recebem a benção deles.

Esses ensinamentos acontecem em todas as comunidades de Guiné-Bissau, e os contos são contados em todas as línguas locais, a pensadora Deus vai apontar que:

Na Guiné-Bissau, tal como em muitos países de África, as línguas são muitas porque os grupos étnicos são vários, possuindo cada um a sua língua. Porém, no caso específico do meu país, para além das línguas usadas por cada um dos grupos étnicos, existe uma língua franca falada por cerca de 70 por cento da população de todo o país, o crioulo de base portuguesa, e uma língua oficial utilizada na administração e no ensino, o português, dominado por cerca de 12 por cento da população guineense. (SEMEDO *apud* Deus, 2017, p. 03).

Essas línguas são veículos na formação da língua guineense, que nos datas presentes as pessoas que não sabem falar suas línguas étnicas, aprendem os contos em guineense, como a pensadora ressalta que, o guineense é língua da unidade nacional, ela se centraliza mais no capital Bissau, no interior do país as línguas mais faladas são étnicas. a questão da língua não é muito discutidas, de modo que tem uma língua se serve de intermediário entre pessoas de diferentes grupos étnicos, por conta das convivências entre os grupos étnicos, as pessoas acabam aprendendo as línguas das outras etnias.

Por fim, com tudo o que vimos em cima, demonstra que quando formo falar da cultura, intuitivamente envolvemos a língua, como em alguns países da áfrica são multilíngues, pensando no caso da Guiné, a questão de ensinamentos tradicionais, se limita a traduzir os seus ensinamentos culturais para a língua de unidade nacional, o guineense, para que possa ter acesso a pessoas de outras línguas, no caso dos contos trazidos nesse trabalho.

3 A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA TRADICIONAL PAUTADA À EDUCAÇÃO ORAL TRADICIONAL QUE É MUITO VISTO NA SOCIEDADE AFRICANA E PEDAGOGIA CIENTIFICA PENSANDO NA PERSPECTIVA ESCOLAR, NA SOCIEDADE

Começo este capítulo, pensando como os contos populares ganham espaço nas academias e na sociedade guineense, e como elas são auferidas como um acervo educacional, na sociedade. Reconhecendo os seus valores, o que em alguns casos eles não são visibilizados, por depreciação, da própria instituição educacional e na sociedade.

3.1 OS CONTOS POPULARES COMO UM ACERVO PEDAGÓGICO NA SOCIEDADE

“O direito à educação é um direito fundamental e as tradições culturais africanas esforçam-se por torna-lo efetivo. Ele consiste em ensinar à criança os valores que constituem o patrimônio cultural da sociedade.” (HOUTONDJI, 2012). Levando em conta que, as tradições africanas se vê mais na oralidade, trazendo seus conhecimentos alada e passadas de geração em geração, nos dias presentes, educação africana consiste na formação da criança desde os seus anos iniciais no âmbito familiar conhecendo as regras do que é apropriado e do que não é apropriado, o mais fundamental nessa educação é ter respeito as pessoas mais velhas, de modo que não pode exaltar a voz com a pessoa maior que você. Em Guiné-Bissau esse modelo de educação é muito frequente, porém não é só os seus pais que te educam, cada membro da sua família pode intervir na sua formação, se a pessoa começa a “desviar” dos seus deveres os pais pedem ajuda a um parente ou um irmão mais velho para fazê-lo se endireitar, os irmãos e irmãs mais velhos, a quem deve um respeito absoluto, têm sobre a criança um “direito” de correção. (Houtondji 311) pois se isso não acontecer a sociedade julga à família. Na sociedade guineense os pais não esperam a educação escolar para dar conhecimento a criança, eles fazem de tudo para que seus filhos saiam educados em casa para chegar na escola já educados, para que os educadores não precisem dar uma educação tradicional, e sim científico, porém, dentro da sociedade guineense existe diversidade cultural e étnica, em que cada grupo étnico tem a sua cultura diferenciada, por isso os familiares priorizam a educação tradicional da sociedade e da sua etnia, fazer com que não se distanciam dos seus ancestrais, mesmo indo no espaço que não se trata da sua realidade familiar ou social, mas que tenha em mente que veio de uma família “tradicional”, e que nunca perca a sua educação.

Da mesma maneira “as relações entre crianças e adultos são codificadas... as formulações verbal da criança, a direção do seu olhar, e até a sua expressão corporal são testemunho do respeito institucional que a criança deve manter em relação a todas pessoas mais velhas... Uma criança que olhar alguém de frente, que interrompa alguém a falar, que se exprima como um adulto, é preocupante...” [...] (HOUTINDJI, 2012, p. 312)

Esses tipos de educação são vivenciadas no dia a dia na sociedade guineense, uma criança, não pode chamar a pessoa mais velha pelo seu nome, mesmo não conhecendo a pessoa se for lhe abordar tem que lhe chamar “tia” ou “tio,” ou senhor e senhora, em casa uma pessoa velha não pode chegar e ver cadeiras todas ocupadas e deixa-lo ficar de pé, tens que levantar e emprestar a pessoa mais velha lugar pra senta, isso acontece até nos transportes públicos mesmo

não conhecendo alguém é uma coisa já naturalizada na sociedade guineense, ter respeito aos mais velhos é uma coisa fundamental, quando ver uma pessoa velha a carregar um peso é necessário ajuda-lo. Se uma criança não tiver essas características é chamado de mal educado, que não respeita os mais velhos, a sociedade começa a julgar a sua família porém dizem que a educação veio da base familiar, não escolar, pois as escolas só complementam, não dão esse tipo de ensinamento. Quando uma criança ou um jovem cometer um erro, nem sempre vai direto aos pais ou qualquer membro de família para se desculpar, tem que pedir a pessoa mais velha que tem respeito ao seus pais, pode ser um vizinho ou um membro da família, explicar sobre o seu erro para que possam levar essa preocupação aos pais e que ele ou ela seja perdoado pelo seu erro, depois da resposta dos seus pais é que essa pessoa pode dar de cara com a sua família.

Segundo a Regina Zilberman & Ezequiel Theodoro (2008 p.19), “a literatura não passou a fazer parte do currículo escolar sob a sua identidade original. Primeiramente integrou o *trivium*, dissolvendo-se entre a Gramática, a Lógica e a Retórica; quando a renascença privilegiou o ensino da cultura clássica, serviu de modelo para a aprendizagem das línguas gregas e latina, as oralidades que eram ensinadas em casa passaram a ser ensinada nas escolas, ganhando um novo espaço, mas que não é muito luxuoso, tanto quanto nas tradições orais em casa que são mais amplos e obedecidas.

Na academia ela é tomada como uma disciplina limitado tomando um outro rumo de ensinamento, deixando de lado suas marcas culturais, e suas significações dada a realidade da nova tecnologia, e a transformação da sociedade que privilegiam mais as novas tecnologias e omitindo os contos e histórias na sociedade.

Sendo assim, este capítulo é voltado à resgate dos contos populares e histórias orais deixando suas marcas de oralidade, na escrita e em cantigas (musica) na minha língua étnica Biafada. Trarei um conto de uma mulher que se chamava Nhali tinha um filho, que se chamava Sene Basangue, os dois viviam numa tabanka (roça), o comum da sociedade guineense é não ter só um filho ou uma filha, a realidade é ter no mínimo dois filhos, mas a mãe desse menino não tem só ele por opção, mas, é que não podia conceber mais outros filhos.

Numa noite eu e os meus pais, estávamos sentados no varal da minha casa, era o nosso costume quando faltava energia em casa, passávamos horas sentados e eles usavam historias ou contos para nos repassar os conhecimentos que eles já tinham, eles nos dizem que somos diferentes no mundo, mas que podemos ter a compreensão um do outro ao outro, e, ter a consciência de saber lidar com qualquer que seja pessoa, e de não ser tão egoísta a ponto de passar por cima de tudo e de todos para conseguir o que queremos, porém, si fizer isso, você

acaba perdendo aquilo que tanto sacrificou os outros para conseguir, e ganha em troca um sacrifício maior ainda. Eu comecei a perceber isso a poucos anos atrás, pois através da vivência que estou tendo dentro na universidade, com pessoas de realidade diferente da minha, todo aquele ensinamento que foi passado desde criança tornou -se em prática, comecei a conviver com a diferença dos outros e saber lidar com isso, porém, sou diferente, a minha mãe Cadijatu Sanha, dizia *“você nascem da mesma mãe, mas cada um tem o seu comportamento sua particularidade e seus defeitos e suas qualidades, tudo isso prova que temos que saber ou aprender a lidar com a diferença dos outros, já que pessoas do mesmo sangue apresentam essas diferenças, isso constata que a diferença sempre existe, e a única saída é compreender a desigualdade existente no mundo,”* com essa fala repetindo em toda minha infância até na minha adolescência eu pude perceber que a diferença nos rodeia.

O conto que conto que a Cadijatu trouxe nessa noite, é do menino Sene Basangue, que vivia sozinho com a mãe sem irmãos.

3.1.1 Sene Basangue

Era, Era!

Era certo!

Essa é a forma que ela falava antes de iniciar os contos.

I tem um tabanka, nundé ki um rapaz ki tchoma Sene Basangue i mora ku si mamé Nhali, el i único fidju de si mamé.

Jovens di tabanka kamba pa outrabanda pa bai kema matu, na ki kema matu é montia, otcha é tchiga é kansa pa otcha limarias na matu, é otcha só um farfana, ma, é tchiu ba lá jovens de tabanka tudo bai, gos é dicide mata um alguim pa buri na sé mafé.

Tudo kim ku tchulido dedo, si ermon ta fala: - nha ermon kana matadu,.

É kunsá djustia, na ki djus, djus.

- Não nha ermon kana matadu.

Assim ku é fica na kanbanta n'utru ma ninguim ka seta pa mata si ermon, otcha é tchiga na Sene Basangue, ika tem dinguiim ku pudi difindil, pabia ika tene nim um ermon, i el só, tudo djintis ki sta ba lá concorda pa é matal.

É matal é kumé, gos é ka sibi kuma ku é na ianda é tchiganta ki nudadi na tabanka, é disidi randja um catchu ku na bai konta recado de tchur antes di é bai tabanka. É pui dus balei de midju preto pa catchus kumé mas kilis ku kumé la tudo é ka pudi canta é odja Ganga na

passa é tchomal é kontal ke kina passa, kila kuma i pudi bai konta recado, é dal um balei de mindju preto i kumé, kila tudo, otcha i baka é falal konta dé pa no obi.

Kila kunsá: - - Kun'ah, kun'ah kun'ah

É fala, es pudi bai konta. Kila continua canta:

- Kun'ah dé kun'ah, kun'ah ké, kun'a á dé kun'ah, tchada rua ki bá gamban'ah n'pena...

- Kun'ah dé kun'ah

- Umé dami bá pan ninma, kun'a á dé kun'a, umé sibantibá Sene Nhali

- Kun'ah dé kun'ah

Sene hó, Sene Basangue, kun'ah á dé kun'ah...

É fala Ganga bu pudi bai, kila bua i bai pa tabanka.

Otcha i tchiga i sinta riba di um pó, nundé ku mindjeres de tabanka ta sta na pila ditarde, Nhali mamé di Sene sta ba lá.

Manera ku é na pila arruz é na somna é ka lesto di obi Ganga na konta tchur, i tem um badjuda sinhu ku obi Ganga canta, i fala ki mindjeres bo obi dé é Ganga na canta i tchome nome di Sene Nhali, é falal áh para konta mintida, i fala i bardade bo suguta.²

Kila kunsá kanta mas:

- Kun'ah, kun'ah kun'ah

- Kun'á dé kun'ah, bon rua ka tchada npena gamban'ah...

- Kun'ah á dé kun'ah

- Umé fetchibá pan ninma, kun'a á dé kun'a,, umé sibantibá Sene Nhali

- Kun'á dé kun'ah

- Sene óh, Sene Basangue, kun'ah á dé kun'ah...

Pupu kudi na tabanka kada kim na tchora na si lado, mamé kuma é tem ki tornal si fidju, garandis di tabanka pega n'godal pé sufri “sabarida, sabarida,” mamé decide sufri, Nhali nha seta kuma é tem ku pagal si fidju. Kada mamé ku é sai pa toma si fidju pa paga Nhali i kata seta djus kunsá na tabanca....

O ensinamento desse conto reflete muito no cotidiano guineense, pois a valorização da cultura étnica existente no país, traz, a eficiência de que esse povo além de receber o aprendizado na língua guineense o (crioulo) eles têm o privilégio de aprender esses contos nas línguas autóctones. Para os que não dominam suas línguas étnicas aprendem no guineense.

² A palavra suguta é homonímia da palavra sukuta, porém tem o mesmo significado, com a forma de pronunciar é diferente, a palavra “sukuta” é diafásica que é usada pelos mais velhos, que nos dias de hoje tem menos uso, é escutada pelos pessoa mais velhos, o “suguta” é usada para os mais jovens no dia a dia, o seu significado em português é escuta

A Cadijatu traz esse conto pensando no egoísmo das pessoas, e na falta da empatia ao próximo, o conto fala de quão egoísta são as pessoas, porém, tem gente que mesmo tendo muito, ainda quer tirar o pouco que outro tem, sem pensar na falta que aquilo irá lhe fazer. Como fizeram com a família de Nhali, tiraram um único filho que a mãe tinha, para os seus benefícios. Segundo Fernanda Marques (2012), os contos populares são um acervo histórico da pedagogia social endógama e serviram sempre em todas as sociedades do mundo, como instrumento pedagógico privilegiado de transmissão Inter e interjacional dos valores tradicionais mais profundos da comunidade referente. A pedagogia africana, se vê na oralidade, nas narrativas, nos contos e nas histórias orais, as pessoas pertencentes a essa comunidade africana são educadas dessa forma, mesmo tendo a educação científica passa por esse processo pedagógico tradicional.

Para as pessoas que passam por esses processos de educação, pedagógica tradicional oral e ao mesmo tempo, tem a educação pedagógica científica, ao lerem alguns contos nas escolas, conseguem relaciona-los com os seus ensinamentos, e absorve-los de uma forma natural.

A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, na medida em que permite ao indivíduo penetrar o âmbito de alteridade, sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação, mas decifra por meio do intelecto. [...]. Essas têm seu sentido aumentado quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo. (ZILBERMAN, 2008, p. 23)

A literatura nas escolas cria os contos populares na maioria das vezes para que os seus alunos estimulem alguns ensinamentos existentes, Marques (2012) aponta que, “ os contos didactizados como instrumentos pedagógicos estão em perfeita harmonia com a pedagogia de integração, abordagem adaptada na Revisão Curricular, privilegiando os conteúdos significativos extraídos do contexto dos alunos de modo a que sejam mais motivadores e facilitem ensino-aprendizagem”. (p. 20).

Os contos oriundos da Guiné-Bissau, tem sua originalidade local, que se for pra ver em outros lugares do continente africano, serão diferentes em todos os aspetos, mas, os ensinamentos têm algumas semelhanças com outros país em termo educação tradicional oral.

Traremos um conto de uma mulher casada que vive reclamando com o seu marido, da incompetência dele nos trabalhos que ele faz.

3.1.2 Mindjer ku Pamba (Coxa)

Festa na tabanka di Uana, tudo omis di tabanka bai montia, i tem um omi si mindjer ta tenel mal na casa, otcha i bai montia ika otcha nim limaria colegas tudu otcha Farfana, ma el ika consigui, i riba pa casa.

Otcha i tchiga si mindjer puntal:

- Anta ke ki bu otcha?

I falal:

- N'ka otcha nada limaria sta muito dificil.

- Buka otcha nada djintis tudu tisi, mafé abo buca tisi na, ami nim si n'ba li caminho di fonte na otcha mafé.

Irã obil, i sai di casa pa bai fonte, otcha ina riba i odja perna na metadi caminho, i cargal i leba casa, i tchiga i fala omi:

- Bu odja alim nabi fonte, é bim kum na bim ali ntisi carni.

- Omi falal sta bem corta dja bu cuzinha.

I toma faca, si corta perna, perna tam ta toma faca i corta, assim ki luta ku kila to ki i bim disisti, i dissal kila fica djanam na casa.

- Omi falal n'bom alal lá...

- Di noti ora di durmi, i toma perna pa ditanda na um kau lá, kila nega, kuma ina dita ku eles, i dita na metadi de cama. Desde ki dia perna ta passa i dita entri se metadi na cama.

I bim foronta ki perna, tudu djinti na fala ham n'djuti omi ka bali, el i fala kuma si bai nim si fonte ina tisi carne ali gos kusa intchi eles mon irã ki bida sim.

I fala si omi pa é fisi di tabakca, é ruma kusas tudu, di noti sé sai otcha Pamba na durmi, é bai lundju i lembra di si pó di buli, i fala omi:

- Na riba na bai toma nha pó di buli kila kita pui nha bianda sabi.

Kila falal:

- Djubi no capli dja és no bai.

I nega far kuma i tem ki bai buscal, i bai i tchiga manera kina dispindra pó di buli riba nundé ku é ta sutil nel, kila caplil i cai pangarlan, Pamba panta djanam, in falal:

- Anta nundé kuna bai? Ham buna bai ba pa fikam?

Pamba falal:

- Bambum

I bambul, é bai, omi odja eles i falal:

- Kó, kó, kó! Bu tisi mas és?

Mindjer falal:

- Manera kum na dispindra pó di buli i obi.

Omi falal:

- Es kum na falau bá, buca dibidi riba.

É continua sé caminho é bai ki di noti, é tchiga na um tabanka é odja n’bruta de festa lá, é panti é na djubi djintis na badja, logo Perna kuma pa riantal ina bai badja, i ria i bai djanam na metadi ina badja,

É kunsá toca, Pamba dindirmita n’dindara dindirmita, Pamba dindirmita n’dindara dindirmita, perna diskuda na badja, mindjer ranha si omi i falal:

- No bai...

É bai é dissa perna lá, otcha perna saporta, é bai badja lundju kila sai busca eles ika odja.

I fala: - A! I tene sorte, nunca i kana lebsi si omi!

O moral da história é, nunca subestime o seu próximo, pois as vezes a vida te dá lições que pode te afetar, porém temos que saber compreender e reconhecer o valor dos outros. E isso não consta só nessa situação, acontece no nosso dia a dia, na nossas vivencias, a sociedade sempre nos impõe a esse tipo de comportamento, subestimar o seu próximo, achar que só você é capaz de resolver alguma situação, ou sabe fazer algo melhor que o outro. No caso da mulher do conto, ela aprenderá com a sua lição, pois ela não sabia como lidar com a situação, o que lhe levou a fuga da sua aldeia (roça) para outra, só para escapar da Perna que ela havia levado para casa, que lhe deu muito trabalho.

3.2 PARA QUE SERVE ESSES CONTOS NAS ESCOLAS

Nas escolas, a literatura perdeu a sua eficácia por falta da competência dos professores, “os alunos não aprendem o conteúdo das disciplinas de que a literatura faz parte, pois, ao final do processo de escolarização desconhecem a gramática, não escrevem corretamente ignoram a tradição literária”, Zilberman & Theodoro (2008), a falta de interesse por parte de alunos, gera um distúrbio educacional literário, de modo que faz com que os alunos percam interesse a essa disciplina, por conta da inabilidade didático dos professores na sala de aula, os educandos acabam perdendo o prazer da leitura dos textos literários.

De acordo com Zilberman (2008), “a escola profissionalizante de ensino fundamental e médio se encarregou dessa preparação apressada, mas se deparou com um contraste gigante entre seus padrões tradicionais-mesmo com as intenções profissionalizantes, sempre menos

exigentes- e o dos novos usuários”. As dificuldades deparadas nas escolas, é que os educadores não preparam os seus alunos para a leitura dos textos literários, na maioria das vezes trazem textos difíceis de ler, que leva o desânimo e desistência dos livros ao leitor, a não assimilação da norma linguística impede o entendimento dos textos;

Os contos e histórias que eram vistas fora do mundo acadêmico, depois que ganhou espaço na sociedade através dos seus ensinamentos, a academia lhe inseriu no ensino para que as crianças que eram educadas em casa através dos contos populares, possam frequentar as escolas, mas, os contos e histórias tomaram um outro rumo na escrita, porém, a sua forma que era repassada oralmente deixou de ser usada e as suas marcas se perderam e o seu conteúdo começou a enfraquecer porém começou a ser vista de uma outra forma.

O ensino da Guiné-Bissau não priorizou os contos e histórias nas escolas, os conteúdos vistos são da história dos europeus, a primeira e segunda mundial deixando de lado as dos seus ancestrais, não são passados no ensino fundamental 1 e 2, os contos tradicionais e nem falam do ritual tradicional, menosprezando-a como um “mito” que a sociedade tem para alimentar o seu ego nas cerimônias rituais.

Pensando na perspectiva de Houtondji (2012), “na escola, as crianças adquirem outras necessidades e outras ideias que os seus pais não sabem, impregnam-se do conhecimento que estão em oposição com as tradições, nas cidades e até nas aldeias”, atualmente, o desporto, as formas de vivências, o cinema, as danças estrangeiras substituem os antigos lazeres tradicionais. Porém esta instrução e sistema educativo que a subentende estão sujeitos a vários problemas no país e nas comunidades tradicionais. A sociedade cria esses meios para a predominância das outras culturas, e molda uma realidade que não se encaixa na sociedade guineense, a função de negar ou achar ruim o que é nosso, e valorizar o que é de fora, presumindo que os contos populares tradicionais não podem ser apresentados nas escolas como um acervo pedagógico.

Os contos populares, servem para induzir a pessoa a pensar por além da sua visão cognitiva do mundo, de modo que ao escutar esses contos te faz incorporar essas experiências e conhecimentos passados de boca a boca e poder levar para a vida toda, por isso que os mais velhos não deixam que os seus descendentes percam essa conjuntura de adquirir os ensinamentos passados por eles. A tradição africana considera uma pessoa idosa como uma biblioteca de saberes, em que consultam frequentemente, quando precisar, porém, tem um ditado guineense que diz, “*garandi ika Deus, ma i tarda na vivi djuntu ku Deus*” (a pessoa velha não é Deus, mas, conviveu à muito tem com a Deus), esses ensinamentos acontecem

frequentemente na sociedade guineense, a interpretação dos sonhos e pesadelos, também são consultados aos mais idosos.

Gonçalves *apud* Tavares (2017), escreveram sobre o diálogo entre a oralidade e a escrita e como a oralidade apresenta-se de maneira singular na literatura africana, preservando a história oral e as tradições dos povos:

A importância da oralidade na constituição da literatura africana vai configurar uma literatura única, diferente da maioria das literaturas mundiais, já que para os povos africanos, o — memorialismo oral possui o papel fundamental de preservação da história, das tradições, enfim, de toda a cultura e saberes dos povos. Como exemplo, a constituição do imaginário na literatura é permeada de elementos míticos do cotidiano, transmitidos por gerações pela oralidade e isso se processará nas produções escritas, tanto na prosa, quanto na lírica. A literatura nasce, primeiramente, como um grito de vozes que ecoam de um lugar —dentro para um lugar —fora denunciando as condições de opressão. (GONÇALVES *apud* TAVARES, 2017, p. 197)

A importância da oralidade na literatura africana, vem destacando no meio das outras literaturas, expondo suas marcas de singularidade através da valorização das dos seus contos tradicionais, histórias, lendas entre outros. A capacidade de memorização das tradições orais os tornam individuais, pois, é como uma memória fotográfica, que eles usam para repassar os ensinamento aos outros nas escolas tradicionais, não esquecem de nenhuma detalhe, explicam o acontecimento da forma sucinta, detalhando, o lugar, a época e o período do acontecimento, ainda fala das pessoas que estavam presentes no momento exato.

O menos uso da escrita é muito comum em alguns países africanos, até a data presente, muitos não têm os costumes de marcar a data, eles fazem a referência, com a época da estação do ano, no caso da Guiné-Bissau, época de chuva, seca, primavera, e colheita das suas plantações.

O conto trazido pela Cadijatu, trata da falta de união dentro do membro familiar, nesse conto, um homem é casado com duas mulheres, a primeira se chamava N'bangasadi e a segunda era a Djamondi, a mais privilegiada do marido, pois, desde o seu casamento o marido parou de dar atenção a primeira esposa, pois ele não a amava mais.

3.2.1 N'bangasadi & Djamondi

I tem um omi ku casa dus mindjer, N'bangasadi dona casa ku Djamondi noiba, disna ku omi, casa ku Djamondi, N'bangasadi cata odja sabi na casa, omi ka gosta del i kata interessa del, ma mesmo assim i fika na casa i sufri, tudo ke ku é falal pe fasi, Djamondi ta bai fasi pa omi pudi mas gosta del, dona casa ta sinta i dissa, i pega Deus.

Pabia disna ku kila bim casamenti omi kata djubil na morança, só Djamondi kita tchomdu tudo lado, sé omi i montiador, si bai montia i tisi mafé Djamondi kita passa diante pa fasi tudu, N'bangasadi te pera só ora ki kumida kaba i kumé.

Omi bai montia um dia, i odja um pé di manpatas i kudji ki fruta i leba casa, ki manpatas gora onças kita bai kumel. Um dia, i bai kudjil, i contra ku onça lá, suma ika gosta di si purmero mindjer i kombina ku onça, i falal:

- I tem um mindjer ina bim li amanhã madrugada, si tchiga li só kumel.

Omi riba pa casa, i tchiga, i tchoma dona casa:

- N'bangasadi!

Kila bai kudil, difimente i tchoma kila na casa, Djamondi obi kila tchomado bai sugundi djanam trás de porta. Omi fala N'bangasadi:

- i tem um pé de manpatas kum odja, n'misti pa bu abai kudji manpatas amanha madrugada.

Djamondi obi, suma ita misti passa diante di tudo ke ki tem ita misti só pé tchomadu, i dita i pera madrugada i lanta i bai, antes de N'bangasadi corda.

I tchiga só onça kumel, parmanha N'bangasadi lanta ina bari kau, Omi odjal i falal n'bé!

- N'bangasadi! Anta buka bai cudji ki manpatas?

Kila risoundil:

- Não, otcha bu tchomam aonti ditardi, Djamondi bai sugundi trás de porta, i lanta é parmanha i bai, nka kansa djanam ku bai suma el i bai.

Omi fala pupa ki ora i fala:

- É, é, é!

- i ké?

I falal não nada

Omi paga caminho de matu i tchiga i odja onça kumé kila. I falal:

-É, és ki bu kumé, i ka és!

Onça falal:

- Pabia ki ka és?

- Ki ki n'fala pa i bim, ika bim, es obi madrugada djanam i lanta i bim.

- Ma bu fala tudu mindjer ku bim dja li só pam kumé, nka sibi si ka és.

Omi pega kaminhu di casa i pega tchora. Ina tchoma dona casa:

- N'bangasadi! hó N'bangasadi hó! Djamondi dukoré, máka té rá N'bangasadi dukoré, adagui Djamondi damadoré....

Ina tchora pa bim, i tchiga casa i odja N'bangasadi na bari i fala:

-N'bangasadi hó, N'bangasadi hó! Djamondi dukoré, maka té rá N'bangasadi dukoré, adagui Djamondi damadoré...

-N'bangasadi, Onça kumé Djamondi. Abo kum fala banam pa bu bai, magrugada pa i bai kumeu, Djamondi obi i bai ika sibi Onça ba kumél.

N'bangasadi pupa:

-Éi! Ham di di mé i tchiganu té lá! Buca gosta de mi tó ki buta bai matu u ba combina ku rimaria pe kumém, nkuda bu odja Deus ka seta.

Família tudu bim, i sedu n'bruta di publema, vizinhos bim é papia ku omi é falal:

- Suma ika murri dja, Deus ki fasi és, ki ki bu gosta del kila ki murri, pabia i kata misti pa N'bangasadi tchomadu só el som, Deus ba tomal.

É kumpu tchur de Djamondi. I sta na um son ku si N'bangasadi pabia Djamondi murri dja.

O moral desse conto é, quando estiveres sozinha(o), numa situação, não se desespere pois, sempre a solução há de chegar em você, a mulher do conto a cima sofreu muito por seu marido, ele chegou até o ponto de mandar assassina-la, mas por sorte a esposa preferida dele foi morta por engano, tem um ditado guineense que se diz “ *koba de djanfa si buna kobal! Kobal pé largo, pabia si ka kila bu cabeça kita bim bai lá,*” (quando for fazer a conspiração contra alguém faz com todo o detalhe para não dar errado, pois as vezes, a conspiração pode virar contra você), é como se diz “*o feitiço volta contra feiticeiro*”.

As narrativas africanas contribuem na formação de pessoa desde criança até a fase adulta, pois a sociedade africana vive em uma função constante de ensinamentos orais, em cada fase de vida chega os novos ensinamentos dos contos e histórias, o que parece um ritual cultural. Pensando nessa perspectiva, da pensadora Cristiane Velasco (2018), vai dizer que, tem certas histórias que os adultos temem contar as crianças, para não assustá-los, e também evitam afazê-las acreditar em mágicas, sem perceber que toda criança acredita em mágica por natureza, e que a verdade verdadeira das histórias e contos, vem justamente da nossa imaginação. O que leva a prevalência dos contos e histórias em nossas mentes, de modo que nos faz relacionar todas essas imaginações com o nosso cotidiano.

A antiguidade, o anonimato, a divulgação e a persistência”. O conto é antigo na memória do povo. Sua autoria é anônima, ou seja, não sabe quem foi o autor da história, por isso ela é considerada uma criação coletiva – é de todos aqueles que transmitem e recriam, imprimindo nela toques pessoais e uma identidade cultural. O conto é “divulgado em seu conhecimento e persistente nos repertórios orais” (ibidem). Sua linguagem revela marcas da oralidade, trazendo palavras e expressões de registro popular. (CÂMARA CASCUDO *et al* CRISTIANE & VALASCO (2018, p. 22).

As marcas da oralidade é o que faz reconhecer um conto popular na escrita, e faz dela um pensamento vivo, porque ela vive no nosso dia a dia, e a suas características de singularidade se revelam, por essas marcas que vem deixando nas escritas e nas falas das pessoas.

A pesquisadora Cristiane Velasco (2018) aponta que, “os contos tradicionais envolvem infinitas combinações de temas recorrentes, isto é, motivos fundamentais que se misturam ilimitadamente, articulando-se no fio da narrativa, assim como retalhos combinados e recombinados na costura de colcha de cada história”. Esses “retalhos combinados e recombinados” fala de como os contos fazem um ritmo com a ligação da nossa realidade e do mundo imaginário, para que possamos viver os dois mundos ao mesmo tempo através de uma visão por além do nosso cotidiano.

O fato de a história oral ser largamente praticado fora do mundo acadêmico, entre grupos e comunidades interessados em recuperar e construir sua própria memória, tem gerado tensões, pois as perspectivas, os objetivos e os modos de trabalhos acadêmicos podem deferir muito. A fala veio primeiro que a escrita, mas a escrita neutraliza a fala, a língua escrita está ligada a lei, enquanto que a fala, é livre dessa ligação, não passa por essa função de fiscalização, e nem da exigência de uma norma ou estilo da escrita para relatar sobre um ato.

Termino este capítulo, que tem finalidade de discutir sobre uma visão crítica contra os ensinamentos tradicionais, que são menosprezados em alguns países africanos, e sobre tudo em Guiné-Bissau, o apagamento da tradição oral e da literatura guineense que não são passados pelo ensino científico do país. Por desventura disso, venho recorrer por este meio, ressaltando que qualquer que seja educação que o indivíduo vai receber dos pais, dos professores e os da comunidade, deve ser consagrado e reconhecido como uma forma de ensinar, pois contribui de qualquer forma na construção da pessoa.

4 NÃO SE DESFAZ DO SEU PRÓPRIO CORPO, OS SABERES TRADICIONAIS VIVE EM NÓS

Nesse capítulo descoraremos sobre os valores que os contos e histórias populares contem dentro da vida dos africanos, sobre tudo na vida dos guineenses, a partir dos seus ensinamentos e lições de vida presentes nelas, e a sua valorização perante aquela sociedade. E também falaremos a sobre a autoafirmação identidade nacional ou cultural em seguida traremos os dados das entrevistas feitas com alguns guineenses.

4.1 O RECONHECIMENTO CULTURAL E ENSINAMENTOS PRESENTES NOS CONTOS E HISTÓRIAS

O reconhecimento cultural trata-se honra e respeito, a cultura africana sobre tudo guineense, valorizando a sua oralidade que segundo Hampate Bá (2018) “nada prova que a escrita em um relato da realidade mais fidedigno do que ao testemunho oral transmitido de geração em geração”. Sendo a cultura vista em África e na sociedade guineense, eles não dão esse capricho de se preocupar em passar suas mensagens e ensinamentos para escrita, porém, isso os leva a ter uma característica diferenciada de outras sociedades, sendo que, passam e repassam um ensinamento sem esquecer dos mínimos detalhes, que eles receberam. O que não acontece em algumas sociedades, priorizam mais a escrita do que a oralidade.

A pensadora Cristiane Velasco (2018) vai dizer que as histórias podem ser lidas ou contadas “de boca” [...], é importante deixar claro que ler não é melhor que contar, e contar não é melhor que ler; são duas formas diferentes de trabalho com a linguagem, cada uma delas guarda qualidades próprias, e ambas podem da ação do educador. Não é que a cultura guineense acha que a oralidade é melhor que a escrita, é por falta de acesso a escrita, que faz com que a oralidade tem mais espaço na sociedade, exceto, nas academias, que tem pouco acesso do público, na sociedade, porém a escrita só permanece e valida naquele espaço, a partir do momento que sair daquela zona de conforto, a oralidade passa a retomar a sua posição, em que a pessoa começa a viver no seu mundo cultural de acordo com a sua etnia.

O reconhecimento cultural, veio no âmbito de reafirmar sua identidade em quanto um sujeito participante de um grupo social cultural, que não esteja em uma fase de descoberta cultural, que tenha sobre ele/ela variedades de culturas que faça com que a própria pessoa se perde no meio dessa procura, descoberta identitária em que possa se enquadrar. Na sociedade guineense, a identidade cultural para algumas pessoas na contemporaneidade está sendo muito problemático de modo que, os indivíduos estão se assimilando outras culturas, o que as vezes acontece o embate de choque cultural, muitas pessoas tentam enquadrar duas culturas diferentes em uma só realidade. Para alguns pensadores essa ideia de junção de duas culturas que traz, “essa transformação estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeito integrados. Essa perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento dos indivíduos tanto do seu lugar de mundo social e cultural quanto de si mesmo- constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. [...] “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como

fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (TOMAS *et al* GUACIRA & KOBENA (2015, p. 10).

Auto identificar-se como um cidadão de cultura tradicional na sociedade leva o sujeito a se situar na sua cultura étnica, nacional e social, que elava uma afirmação identitária, Silva *apud* Lopes (2015), observam que, a identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior”- entre o mundo pessoal e mundo público. O fato de que projetamos a “nós mesmo” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social cultural. A identidade, então costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito a estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (2015, p. 11).

Essa autoafirmação da identidade cultural para um guineense, é o reconhecimento da sua tradição oral que está no meio da sua vivência, os contos e histórias transmitidos dos mais velhos para os mais novos, a de cultura nacional é vestido na identidade pós-moderna, é incluso a autodeclaração do indivíduo a sua pátria, e a lealdade ao patrimonial nacional, o nacionalismo, em que a pessoa não se vê identifica com a sua cultura étnica mas sim cultura nacional, que abrange todas as outras culturas tradicionais e orais da sociedade. Tomaz vai dizer que:

A formação de uma cultura nacional contribui para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogenia e manteve instituições culturais e nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional. Dessa e de outras formas, a cultura nacional se tornou uma característica-chave de industrialização e um dispositivo de modernidade. (TOMAZ, 2015. p, 30).

Essa cognição da cultura nacional, em certo ponto visibiliza as culturas tradicionais orais presentes no país, porém nela são apresentados vários acontecimentos históricos nacionais na língua lusa que contém sua própria escrita, que faz com que, as outras tradições sejam menos apreciadas na sociedade, tanto quanto ela é. Os cidadãos guineenses se ficam nesse meio de se reafirmar as duas identidades culturais e nacionais, que se vê na cultura particular que é étnico e coletiva nacional.

A partir do que vimos trataremos algumas coletâneas de dados recolhidos da entrevista de alguns cidadãos guineenses.

De acordo com a entrevista feita para alguns guineenses sobre a importância de contos populares em suas vidas, repara-se que, os ensinamentos presentes nesses contos têm uma

significação importante em suas vidas, de forma que, em todas as perguntas feitas, cem por cento (100%) dos entrevistados apresentam consequentemente as mesmas respostas, relatando da importância dos contos e histórias orais, os ensinamentos que transportam até nos dias de hoje em suas vivências, e que levarão para vida toda. Os entrevistados cujos os sexos diferente, e da faixa etária variado entre 20 a 35 anos, da cultura étnica diferente, e de localidades deferentes, mas que carregam a mesma importância e o ensinamentos da oralidade em suas vidas.

As perguntas que foram feitas eram assim. Os contos orais populares são importantes na sua vida enquanto um cidadão guineense? Se sim, porquê? Você reconhece esses contos e histórias como um ensinamento cultural na sociedade? O que ela acrescenta ou diminui na sua vida? Será que é válido implantar esses contos e histórias no ensino guineense? se sim, por quê? O que você pode fazer para permanecer essa cultura oral na sociedade e até na academia? As respostas obtidas são:

Tabela 1 - Tabela da entrevista

Entrevistado(a)	Faixa etária	Sexo	Etnia
1	25 a 30	M	Fula
2	25 a 30	F	Pepel
3	30 a 35	M	Balanta
4	30 a 35	M	Biafada

Entrevistado 1: a primeira resposta é: “A importância desses contos orais acompanhou minha vivência e do meus ancestrais, desde que o homem conseguiu juntar palavras em frases e frases em narrativas mais longas é narrá-lo tanto coletivamente como individualmente. Com propósito de contar nossa, origem, passado, uma memória em ordem, costurando nossa identidade. E acredito que vai além da vida social, mas até na morte. Portanto, na nossa sociedade os contos orais populares se situam no movimento de um relato, uma história possível de narrar por qualquer um. Caso esta relação indivíduo-história venha a se passar de geração em geração, por razão fisiológica ou mental, sendo um relato partido de uma a história mesma perdida, que a pessoa projetada conseguiu fora do tempo. Onde quem narra muitas das vezes não sabe realmente do que se trata, mais importa se relacionar sua vivência com quem lhe escuta, fazendo dela o que ela é, nem o que deve fazer ou deve fazer. No possível ou impossível vai se agarrando se nas algumas aparências da existência”.

O entrevistado 2- Se limita a dizer “sim”.

O entrevistado 3- Se limita em responder “sim”.

O entrevistado 4 e último: Vai dizer “sim” e deu e justificou “Sim, são importantes. Com os contos orais aprendi muita coisa na minha infância que me ajudou a enfrentar o mundo e a realidade na qual me deparo na minha fase juvenil. Os contos, no contexto guineense, têm finalidade de transmitirem os conhecimentos sobre o mundo. São também formas de educação, geralmente são contados pelos mais velhos; pais, mães, avós e avôs, tios ou qualquer membro da família ou comunidade”.

As respostas da primeira pergunta obtiveram 100% resposta positiva, mas metade dos entrevistados que correspondem 50% se limitaram a dizer **sim** e outro 50% responderam **sim e fundamentaram**.

Os resultados obtidos da segunda pergunta, 75% dos entrevistados não se limitaram em dizer “sim” responderam sucintamente, discorrendo sobre as experiências vividas o 25% que corresponde a uma pessoa que se limitou a dizer **sim**. Sigo as respostas.

1- “Sim, vários contos populares enquanto criança que me contavam influenciou meu crescimento enquanto desafio para vida adulta. Aprendi e bastante com essas narrativas”.

2-“Sim”

3-“Sim, reconheço esses contos e histórias como mecanismos ou instrumentos de ensinamento cultural na sociedade guineense, pois por meio destes passa-se os valores culturais de geração para geração, ou seja, os contos e histórias orais têm sido veículos de preservação da nossa identidade cultural autóctones”.

4-“Sim, eu reconheço esses contos como um ensinamento cultural da minha sociedade, dos balantas. Através dos contos aprendi muita coisa como praticas rituais e cerimônias de casamento e fúnebre”.

A resposta da terceira pergunta teve intervenção de todos os entrevistados o que corresponde 100% de entrevistados justificaram as suas respostas.

1-“O patrimônio de narrativas orais acumulado em milhares de anos é nossa história, ele pode ser sacado a qualquer momento. Se calhar não diminui em nada apenas ensinou o sentido da vida na forma de saber encara-la”.

2-“Acrescentou conhecimento sobre sociedade e me deu outra forma de se relacionar com pessoas, ou seja, ajudou na minha educação porque as vezes depois de ouvir uma história na qual as personagens são boas e outros ruins a gente tenta imitar as personagens boas tentando encaixar essa personagem na sua vivencia”.

3-“Os contos e histórias orais que ouvi contar dos mais velhos não diminuíram nada em minha vida, muito pelo contrário, eles deram-me oportunidade de conhecer melhor a nossa cultura, cultura guineense, duma forma simples e prazerosa. Visto que, os contos, fábulas,

lendas histórias orais de modo geral deixam lições de moral, ensinam sobre a valoração das práticas reiteradas (costumes), a cultura local e servem de inspiração para bons modelos da educação. Por conseguinte, estas formas de transmissão oral apenas proporcionaram e acrescentaram em mim conhecimentos socioculturais e históricas da nossa sociedade”.

4- “Os contos acrescentam muita coisa na minha vida. Com os contos aprendi que tenho que respeitar todos os mais velhos, independentemente que são da minha família ou comunidade, uma vez que são mais velhos que, devo respeitá-los como meus pais. Também diminui a minha falta de educação, falta respeito e consideração para as pessoas”.

Na penúltima pergunta, as soluções postas são:

1- “Sim, somos um país predominantemente oral. A sociedade Guineense, ou africana no geral, uma das maneiras mais usuais de transmissão do conhecimento ainda é a fala, muito embora tivéssemos uma natural desconfiança da escrita, foi reforçado na mesma pelo esforço da oralidade. Se analisarmos a maneira como o acervo de contos de tradição oral serviu de arcabouço para a literatura dos nossos povos, talvez cheguemos a um método educativo que nos ajude a reverter os problemas de aprendizado da leitura e da escrita. Pra mim é válido e urgente foco no ensino e aprendizado como implementação do ciclo oral nas escolas e academia”.

2- “Sim, porque esses contos servirá como outra forma de educar as crianças numa forma que elas vão apreendendo mais fácil porque vão ser contadas na língua que elas entendem melhor por isso ficará na mente delas cada vez que vão fazer uma coisa inapropriada vão se lembrar da história e vão mudar atitude e também vão ajudar na construção numa sociedade melhor”.

3- “Eu digo que é de extrema importância a implementação desses contos e histórias no ensino guineense. Porque os contos e histórias orais locais carregam nos seus enredos características culturais, históricas, sociais, geográficas que identificam a nossa realidade, nesta ordem de ideia, acredito que a implementação dos mesmos no sistema do ensino guineense irá possibilitar uma maior compreensão dos conteúdos que, conseqüentemente permitirá um envolvimento eficiente e eficaz dos alunos e professores na construção dos conhecimentos no processo de ensino-aprendizagem”.

4- “Na minha modesta opinião é extremamente válido sim. Lembro-me que, o meu pai sempre nos dizia “*si bo ka toma cuidado iskola di brankus na dana bos*”. Ou seja, ele estava a nos dizer que se ficarmos com os ensinamentos somente da escola isso não vai nos ajudar em termos de grandes conhecimentos. Hoje em dia na sociedade guineense o conhecimento oral tradicional não é mais valorizado, muitos dos alunos, mesmo os que estão ainda nas

comunidades do interior do país, não têm mais contato com esse modelo de produção dos conhecimentos, por isso é extremamente importante colocá-lo no sistema do ensino”.

A quinta e última pergunta as conclusões tomadas são, respostas subjetivas, em que cada entrevistado soluciona e apresenta possibilidades que podem ser tomadas futuramente para manter as tradições orais na sociedade guineense. Seguimos as respostas:

1-“Apenas dedicação na investigação das narrativas de tradição oral e a uma coleta não sistemática de histórias, preocupado em construir uma escrita pessoal para popular. Com livros de ficção publicados, referente a nossa história político-cultural e social, a partir de convivência com alunos de escolas públicas e particulares até nas universidades, observar as dificuldades para desenvolver uma leitura, uma fala e uma escrita. Trazendo da minha parte de experiência usando da maior parte deles de modo a compreender e interpretar o que ler, e conseguir elaborar fios narrativos. Sendo assim é possível, avançarmos pouco a pouco na educação, mesmo quando temos pouco progressos econômicos, é possível sim, mudar rumo da nossa gente.”

2-“o que pode ser feito para fazer com que essa cultura permaneça é implementar esses contos no currículo escolar guineense para que as crianças possam aprende-las dentro das escolas porque nem todas crianças têm avós/ôs ou pessoas velhas na família para poder aprender, então implementado isso no currículo e formar as pessoas para fazer esse trabalho porque essa tradição ficou só com mais velhos e se não a resgatarmos vai se perder pois os velhos estão morrendo com os seus conhecimentos; então para manter nossa educação e nossa cultura essa é a melhor via.

3-a) A criação de programas radiofônicos de sensibilização das famílias guineenses para o resgate dessa prática oral.

- b) Implementação da disciplina de gêneros literário orais nas escolas.
- c) A criação de programas educacionais para o registro dos contos e histórias orais nacionais.
- d) Programas de tv e rádio que convidam os mais velhos para contar histórias, fabulas, contos...
- e) A criação de uma coleção dos contos e outros gêneros literários por meio de gravações auditivas.

4-“Para permanecer a cultura oral na sociedade e na academia é necessário que haja uma política de resgate desses conhecimentos através de alguns anciões que ainda estão vivos para fazer a transcrição dessas histórias orais”.

Os dados obtidos nas entrevistas são essas que conseqüentemente de caráter positiva, o que nos leva a uma reflexão esperançosa que talvez um dia essas tradições orais voltarão a ter

o mesmo significado que tinha antes na vida dos guineenses, e também, possivelmente possa ser reconhecido nos estudos científicos de ensino como uma educação legítima que permanecerá a cultura oral na sociedade e na academia, é necessário que haja uma política de resgate desses conhecimentos através de alguns anciões que ainda estão vivos para fazer a transcrição dessas histórias orais na de formação de uma cidadão.

4.2 ENSINAMENTOS DOS CONTOS

Os contos passados no primeiro e segundo capítulo, trazem princípios importantes na vida dos guineenses, fazendo percursos desde os seus anos iniciais até na fase adulta. Dando orientações a pessoa e ensinando-a, á ter uma boa conduta de acordo com a sua cultura étnica e social, envolvendo crescimento da pessoa enquanto ser, passa a reconhecer e valorizar esses contos quando se dá a conta de que os mesmos o ajudou muito e ainda está ajudando na sua vida, e, passa a repassar o que foi ensinado para os mais novos trazendo exemplos vividos por ele ou para uma outra pessoa. Essa herança cultural se transborda de geração em geração, passando os mesmos significações das coisas.

Os mais velhos trazem esses contos para despertar os nossos conhecimentos sobre o mundo, uma vez que, fomos crianças tivemos uma visão restrito do mundo que se limita ao o que vemos, que não passava por além do que os nossos olhos não vêem. Eles usam essas estratégias para nos fazer pensar e enxergar além da nossa visão cognitiva do mundo, em que possamos relacionar os contos ou histórias com as nossas vidas. Na maioria das vezes quando criança a compreensão desses ensinamentos são difíceis de decifrar, mas como é uma coisa repetitiva que passa pela família ou na comunidade em que se insere a pessoa começa a se incorporar esses ensinamentos, e consegue diferenciar o que é do bom e do mal, mito e do rito. Cada conto tem lição de vida que quer passar, cabe a pessoa anseie optar o lado positivo ou negativo desses ensinamento, pois os mais velhos não perdem a conjuntura de aconselhar para que siga a parte proveitoso que vai te ajudar a ter uma vida que você ou a sua família deseja.

A sociedade africana, consagra muito a família, cada membro familiar é responsável na formação da pessoa com boa conduta, para se apresentarem na sociedade, pois, se uma pessoa não está cumprindo com as formas ou ensinamentos familiares a sociedade julga a família. Para evitar isso, os mais velhos fazem de tudo para que os mais novos, saem bem instruídos da família para que não possa acontecer esse tipo de julgamento perante a sociedade.

4.3 ANÁLISE GERAL DOS TRAÇOS ORAIS NAS ESCRITAS DOS CONTOS POPULARES DA GUINÉ-BISSAU

Os contos apresentados nos capítulos em cima, têm suma importância na minha vida e de algumas pessoas, visto que, nela traz ensinamentos que são significantes na minha vida, que até hoje carrego, e levarei para vida toda. Como foi discutido no segundo capítulo, a educação tradicional oral, se reflete na vida dos povos africanos sobretudo guineenses, é importante dizer que esses contos passados pelos nossos avôs séculos atrás, os seus ensinamentos, variam de acordo com a sociedade, porém, nos dias de hoje talvez esses ensinamentos possam ter outros olhares que não tinham antes, mas os contos continuam o mesmo, até nos seus mínimos detalhes desde a época da minha avó até na dos meus pais, que passaram para mim o mesmo. Cada pessoa que conta uma história tira o seu ponto de vista e o seu lição de moral, diferente de outra, mas o que possa ser um pouco obscuro nessas narrativas é que os narradores anônimos contam a mesma versão, mas com a forma de observar diferente do outro, o que muitas vezes a lição ou ponto de vista que é dado, por vezes é diferente do outro, ou seja existe a possibilidade de serem igual, pois se escutar de contador **A** com muitas pessoas, terão o mesmo ensinamento, que pode ser diferente dos aprendizes do narrador **B**, mas as narrativas, sempre mante com as suas características, e seus mínimos detalhes.

Os contos das quais referimos, são contos de fadas, com narrativas curtas que se mistura do mundo real e fictício, tem a sua introdução, enredo, desenvolvimento, seu clímax, o seu ponto de visto e a lição de moral.

Esses contos cujo características ficcionais misturada com a realidade, trazem ensinamentos importantes, são populares com autores desconhecidos, a maioria foi contada da minha língua étnica bafada e traduzinha e traduzida pela minha mãe no guineense (crioulo/kriol) que mantem a sua marca de oralidade em suas cantigas que foi passado em cima.

O primeiro conto a ser analisado é de uma menina que namora um peixe no mar. O conto de Nima e Sirá, fala que, as vezes não é todo mundo que está a sua volta que quer a sua felicidade, tem pessoas que estão na sua volta que só querem te ver destruída, e sintam bem com a sua infelicidade.

Si irmã ta djubi ba si comportamento tudo dia, manera ku kila ta ieki arruz i kaba i pilal, si kaba pila ita pul na cabaz i leba ki forinha pa matu, ma kila ka sibi ba kuma na mar kita bai nel. Um dia i fala Sirá -na bai ku bo aos pa nundé ki buta leba é forinha, Sirá falal não bu kana bai ku mi. I insisti, i pega traz di kila na kaminhu, Sirá sutal. I findju kuma ina riba pa casa, i

bai bida mosca, i bua i sinta na cabaz di si irmã sim kila sibi, é bai tó ku é tchiga i tem um pé si arburi na bera di mar, i bua i bai sinta lá. Sim Sirá sibi, i tchiga i fala – Nima, Nima, Nima! Kila sai i dal forinha ermonsinho fica ina djubi, otcha Nima perto kaba fume, i bua i bai casa, i tchiga son i bai konta si mamé ku si papé kuma Sirá kiri pis no mar kila kita leba forinha tudo dia.

A irmã queria descobrir o segredo da Sirá para poder acabar com a sua felicidade, insistiu até ao ponto de descobrir e avisou aos pais, decidiram matar o Nima sem pensar na situação que poderiam deixar Sirá a passar, a irmã fez aquilo porque não gostava dela e ficou satisfeita com o sofrimento da Sirá. A irmã não tinha imaginado que a Sirá seria capaz de se matar por conta da morte do Nima seu namorado, a família só perceberam que a Sirá não estava de brincadeira é quando ela decidiu ir atrás do namorado, e cantando que iria para onde o Nima foi, a mãe desesperada respondendo ela para voltar em casa ela ignorava a mãe, pois só queria encontrar o seu amor! Ela desceu ao mar até se perder, e transformou-se num peixe boi, conhecido em Guiné-Bissau como pis bus. Cujas algumas características são parecidas com do ser humano, tem órgão gênicas, seios e, é mamífero. Esse peixe de acordo com as pesquisas, eles vivem solitários, não andam acompanhados, só vê eles juntos nos períodos de redução, e a gestação desses duram em média treze meses, e só tem um filho por cada gestação.

Esses fatos, trazem os rumores de que a Sirá não encontrou o Nima, viveu sozinha, por isso que esses peixes são caracterizados solitários, porém estão à procura do seu amor. O outro conto a ser analisado é de Lobo, Lebre e o pai da Noiva, é um conto fictício que contém o seu ensinamento, e um dos seus personagens, trama conta o outro, que no final ele acaba se dando mal. O ensinamento desse conto é, que as vezes usa a sua inteligência para trapacear o outro se no final se acaba dando mal.

Chegando em casa desse homem, lhes receberam bem, ofereceu dendê cozido para eles comerem estavam sentados frente a frente, o Lebre comia e jogava o caroço do dendê debaixo do Lobo, só que o Lobo não percebeu que o amigo estava fazendo aquilo com a intenção de prejudicá-lo, para ganhar a mão da Noiva. Lembra-se achava mais inteligente do que o Lobo, ele queria tomar a mão de Noiva a todo custo, mas só que ele não fazia a ideia do que o pai da Noiva ia propor para eles. Ao terminarem de comer, o pai da Noiva olhou por debaixo deles e viu que o caroço só estava debaixo do Lobo, ele disse - Eu quero homem que não deixará a minha filha passar fome. Lobo você come muito a minha filha não passará fome contigo, te dou a mão da minha filha como a sua esposa. O Lebre queria muito a Noiva, ficou muito furioso com o enunciado.

Esse conto traz um ensinamento de como as pessoas, se prejudicam a si mesmo, ao tentarem atrapalhar a vida dos outros, querer ter tudo sobre controle, não se importar a passar

por cima do outro, no final se acabam dando mal, como diz um provérbio guineense “ koba de djanfa si buna kobal, kobal pé largo! Si ka sim, bu cabeça kuta bim bai lá”, o que significa que se for fazer mafea seja inteligente a tramar até nos seus últimos detalhes, porém se não for pode ter reviravolta consigo mesmo.

O conto do Sene Basangue e a sua mãe Nhali que viviam numa aldeia.

Jovens di tabanka kamba pa outrabanda pa bai kema matu, na ki kema matu é montia, otcha é tchiga é kansa pa otcha limarias na matu, é otcha só um farfana, ma, é tchiu ba lá jovens de tabanka tudo bai, gos é dicidei mata um alguim pa buri na sé mafé. Tudo kim ku tchulido dedo, si ermon ta fala: - nha ermon kana matadu. É kunsu djusia, na ki djus, djus. - Não nha ermon kana matadu. Assim ku é fica na kanbanta n’utru ma ninguim ka seta pa mata si ermon, otcha é tchiga na Sene Basangue, ika tem ninguim ku pudi difindil, pabia ika tene nim um ermon, i el só, tudo djintis ki sta ba lá concorda pa é matal.

Esse conto, popular cujo característica emocional, em que a mãe perde o seu filho por injustiça. Os jovens de uma aldeia decidiram matar o jovem Sene, que era o filho único da sua mãe Nhali para acrescentar com a caça que tinham encontrado na mata, e comeram ele sem o conhecimento da sua mãe, depois decidiram enviar um pássaro chamado Ganga para informar a morte do jovem Sene. Naquele sítio que foram, cada jovem foi acompanhado do seu irmão ou irmã, o Sene era único que foi sozinho porém, ele não tinha irmãos, por isso que foi assassinado, por que não tinha ninguém que poderia lhe defender naquele momento, como os outros irmãos fizeram na hora de brigada de escolher quem poderia ser acrescentado com a carne da caça.

Os mais velhos trazem esse tipo de conto pensando no egoísmo das pessoas, e na falta da empatia ao próximo, o conto fala de quão egoísta são as pessoas, porém, tem gente que mesmo tendo muito, ainda quer tirar o pouco que outro tem, sem pensar na falta que aquilo irá lhe fazer. Como fizeram com a família de Nhali, tiraram um único filho que a mãe tinha, para os seus benefícios.

5 TRADUÇÃO DOS CONTOS EM PORTUGUÊS

Sirá e Nima

Era uma vez, numa tabanca (roça) bem distante vivia uma família com duas filhas, a primogênita se chamava Sirá ela e a irmã mais nova, não eram muitas amigas, pois a mais nova morria de inveja da Sirá. Certo dia, a Sirá foi lavar roupa na beira do mar, apareceu um peixe

búzio, lhe cumprimentou, nem conseguiu responder por conta do susto que levou, porque nunca tinha visto um peixe a falar.

O peixe disse: - Não tenha medo! Não vou lhe fazer mal algum

Ela ficou sem o que dizer e tremendo de medo, o peixe disse:

- O meu nome é Nima, vejo você sempre aqui sozinha e escuto suas cantigas. Gosto das suas cantigas, como é o seu nome?

- O meu nome é Sirá.

Ela citou o nome com a fala toda tremida o peixe búzio percebeu que ela estava muito assustada resolveu não chegar perto dela.

- Gosto de você, quero ser o seu amigo.

Ao escutar isso do peixe ela ficou um pouco mais aliviada, percebeu que o peixe não queria lhe fazer mal algum.

- Sim podemos ser amigos.

A partir daquele dia a Sirá passou a visitar o peixe quando ia lavar roupas. Os dois se apaixonaram e começaram a namorar, cada dia que a Sirá ia visitar o Nima levava farinha de arroz na cabaça quando chegava, tinha a forma como lhe chamava.

- Nima, Nima, Nima...

Ele aparecia comia a farinha divertiam um pouco, ela voltava para casa ao pôr do sol.

A irmã apreciava o comportamento dela todos os dias, um dia ela disse a ela que queria ir com ela para o mar, com a intenção de descobrir o que ela fazia todos os dias lá, só que a Sirá conhecia ela e sabia que, se ela descobrisse vai querer fazer alguma maldade contra o Nima, falou não, mas, ela insistia até que a Sirá bateu nela, só para lhe fazer desistir no caminho, ela resolveu fingir que voltou para casa. Mas só que a Sirá não sabia que a sua irmã tinha poder de transformar no inseto, ela se transformou numa mosca, voou e foi pousar em cima da cabaça de Sirá, ela inocente estava muito apressada porque a irmã lhe atrasou um pouco no caminho. Na beira do mar tinha uma árvore, quando chegaram, a irmã levantou foi pousar numa folha de árvore onde podia assistir tudo.

A Sirá disse de novo: - Nima, Nima, Nima...

Ele apareceu, ela deu a farinha, divertiu, a irmã assistiu tudo, voou de volta para casa, quando chegou contou para os pais que a Sirá namora com um peixe no mar, os pais e ela se reuniu para matar o peixe.

No dia seguinte, a mãe ordenou a Sirá para ir à mata pegar lenha (madeira), para fazer fogueira a noite, assim que ela saiu a irmã pegou arroz na “Bemba” (deposito), para fazer farinha, “Bemba” é uma espécie baú usam para conservar arroz e outros produtos na tabanca

(roça). Botou arroz de molho, depois botou no pilão e machucou com o machucador, ao terminar de fazer farinha, chamou o pai, para irem ao mar.

Chegaram, e disse como a irmã dizia: - Nima, Nima, Nima...

O Nima saiu e viu duas pessoas desconhecidas ficou meio desconfiado, mas, a menina lhe ofereceu a farinha na cabaça como a Sirá fazia, ele começou a comer, mas, com muita desconfiança, pois o homem que estava ao seu lado tinha segurado uma catana (facão), ao terminar de comer, ele deu costas para voltar no mar, o homem deu um golpe no pescoço com a catana, ele morreu, levaram o para casa. Cozinharam, e tiraram a parte da cabeça botaram na comida de Sirá.

Quando ela voltou de apanhar lenhas, viu a irmã toda feliz lhe cumprimentou e disse: - a sua comida está aqui.

Ela pegou na comida, tirou a tampa, deu de cara com cabeça, suspeitou logo pois aquela cabeça era parecia do com a do Nima, porém, ela não tinha certeza, botou a tampa de volta, e foi direto para “Bemba”, pegou arroz botou de molho machucou no pilão fez farinha, saiu correndo para o mar, a mãe foi atrás dela. Chegou, e começou a chamar.

- Nima, Nima, Nima! Nima, Nima, Nima...

O Nima não apareceu, chamou de novo só apareciam outros peixes, começou a chorar, e a cantar ao mesmo tempo.

-Nima lé fi dinmi Nima lé, té bu dinma fum...

A mãe dizia:- Sirá, óh gã nalé n'doba lé n'doba gã n'bambol...

Enquanto cantava ela estava descendo a beira mar, a mãe estava lhe consolando e chamando para voltar para casa, mas, ela não escutava. Ela desceu no mar cantando essa cantiga até desaparecer na água.

Uns dizem que ela se transformou num peixe búzio e odeia ser pescado, pra ser capturado o pescador tem que ser muito experiente, pois se defende, e sua característica física tem ainda algumas partes em comum com do ser humano, as fêmeas têm órgão genitais e seios.

LOBO E LEBRE

Lobo e Lebre são amigos, certo dia a Lebre pediu para o seu amigo Lobo lhe acompanhar para ir visitar a sua namora. Quando chegaram em casa dela, ela lhes serviu dendê cozido, os dois começaram a comer, a Lebre armando de mais inteligente, começou a jogar o caroço de dendê debaixo do Lobo sem ele perceber, ao ter minarem de comer o pai da namora saiu para lhes cumprimentar, perguntou na Lebre:

- Lebre, você não comeu?

Respondeu ao sogro: - Comi sim, só que não como muito! O pai da namorada entusiasmado com a resposta, falou: - A minha filha como muito, e ela casará com homem que come muito, você não pode casar com ela, o Lobo come muito tem montes de caroço debaixo dele, ele casará com ela.

A Lebre se arrependeu por que fez aquilo, e não podia mais voltar para trás, o Lobo casou com a sua namorada.

O MENINO SENE

Era uma vez, numa roça distante, em que vivia, um jovem com a sua mãe, ele era o filho único. Certo dia os jovens da sua roça saíram para queimar a mata na outra parte da roça, levaram somente arroz na esperança de encontrarem um animal da caça durante a queimação, para servir do acompanhante de arroz, mas, não foi o caso, pois os animais tinham fugido da mata para arrumar um outro abrigo.

Eles caçaram, só conseguiram, um animal eram muito, todos os jovens da aldeia foram nesse acampamento, a carne da caça não daria para todo mundo, logo, o superior deles falou que: - Vamos ter que acrescentar uma pessoa porque a carne não vai dar para todo mundo.

Quando ele falou isso, todo mundo começou a briga, pois, ninguém queria que o seu irmão ou irmã fosse morto para acrescentar na carne da caça. Quando uma pessoa falava: -vamos matar fulano! O irmão daquela pessoa não deixava que matassem. Nessa reviravolta, tinha uma pessoa que falou assim:

- Por que não vamos matar o Sene?

Como falei antes, o Sene era filho único, não tinha ninguém para lhe defender, todos concordaram para mata-lo. Chegou a hora de voltar para roça, estavam todos preocupados, em como iriam levar a notícia na comunidade de que mataram o Sene! Resolveram dar a notícia antes de irem á roça, botaram uma peneira cheia de arroz, cada pássaro que passa por perto eles o chamavam para fazer a proposta de levar notícia para comunidade, muitos passaram , mas, não podiam cantar bem, até que passou um Pavão por perto, eles chamaram logo. Explicaram ao Pavão tudo o que tinha passo, ela disse que podia levar a notícia, deram ele aquela peneira de arroz para comer, ao terminar de come ele deu um grito:

- Kun'há, kun'há, kun'há!

Saiu voando, na roça, todas as mulheres tinham um lugar onde machucavam o arroz com um pilão e machucador para descascar, elas estavam lá, tinha uma árvore, elas ficavam debaixo

delas para não pegarem o sol, pois fazia essa atividade no período da tarde. O Pavão foi direto para lá, pousou numa árvore, começou a cantar:

- Kun'há, kun'há, kun'há!

- Fomos caças na outra margem da cidade, kuan'ah áh dé kun'ah, conseguimos uma caça, acrescentamos ela com o Sene, kuan'ah áh dé, kun'ah, Sene óh Sene Basangue, kuan'ah áh dé kun'ah!

Tinha uma menina que estava debaixo da árvore com as mulheres, machucando arroz, ele disse para elas escutem, esse pássaro está contando e chamando o nome do Sene, elas falaram logo para ela mentira como é que o pássaro sabe chamar o nome das pessoas!

O pássaro começou a cantar de novo elas escutaram, logo, começaram a chorar a Nhali mãe do falecido Sene, falou que vão ter que devolver o seu filho. Os mais velhos da roça lhe consolaram, pois, cada mãe que os mais velhos falavam para devolver o filho para ela, as mães se negavam, ela acabou por se conformar com a perda.

Mulher e uma Coxa de Boi

Havia uma roça, onde morava uma mulher e o seu marido, ela subestima o marido em tudo o que fazia. Chegou a época célebre em que cada roça tinha a sua data de fazer uma festa da roça.

Todos os homens da roça tinham que ir caçar, o homem dessa senhora foi, mas ele não conseguiu encontrar nenhum animal, todos os outros encontraram, ao voltar em casa, disse a sua esposa que:

- Não encontrei a caça...

A mulher começou a brigar com ele, - todos os homens da cidade encontraram a caça menos você! Seu inútil. Nunca consegue fazer algo, se eu for agora a procura mesmo que for no caminho de fonte vou encontrar carne.

Um espírito a escutou, quando ela foi para fonte pegar água, na volta ela encontrou uma Coxa de Boi bem grande. Mas, ela não sabia que era um espírito que tinha transformado numa Coxa, esse espírito é aquele que tinha lhe escutado quando estava brigando com o marido. Ela ficou feliz em ver aquela coxa, pegou nela e levou pra casa.

Ao chegar em casa viu o marido sentado, disse logo:

-Viu, não te falei que eu ia encontrar carne mesmo que fosse aqui no caminho de fonte!

O marido disse: - Está bom já que encontrou prepara só.

Ela pegou numa faca, começou cortar a Coxa, a Coxa pegou na faca cortou ela, ela disse:
- Ei!

Pegou na faca, cortou de novo, a Coxa devolveu, ela desistiu, deixou a Coxa num canto da casa.

À noite, ela e o marido quando estavam se preparando pra dormir, a Coxa veio e disse para ela: - Eu vou dormir com vocês. Ela ficou sem o que dizer, a Coxa subiu na cama deitou-se no meio.

Todos os dias fazia a mesma coisa, os vizinhos dessa senhora vivenciavam a situação começaram a comentar, “ela vivi subestimando o marido até ao ponto de trazer uma desgraça em casa, ela vai agora ela tem que aguentar tudo isso em casa, assim nunca mais vai reclamar com ele!” a mulher não estava mais aguentando a situação ela decide, planejar uma fuga, falou para o marido para fugir da cidade, ela aceitou.

Arrumaram suas coisas sem que a Coxa percebesse, decidiram fugir a noite na hora que a Coxa fosse dormir. A noite a Coxa que não estava sabendo de nada, ficou com sono foi dormir. Os dois pegaram nas suas coisas saíram da cidade.

Quando foram um pouco longe da cidade, a mulher lembrou que esqueceu a sua colher de pau que ela disse que não podia deixar ficar vai ter que buscá-lo. O marido disse a ela: - vamos assim que chegarmos na outra cidade vou fazer outra colher, ela disse: - Não posso deixar essa colher porque ela é que faz a minha comida ficar gostosa, eu vou buscar. Ela regressou para casa, ao chegar foi direto para onde ela guardou a colher. A casa dessa senhora era de barro, não tinha paredes muito altos, ela tinha botado a colher entre o telhado e a parede de casa, como estava com muita pressa, ela puxou a colher, mas, não tinha lhe agarrado com muita força, a colher caiu e fez um barulho acordou a Coxa.

A Coxa assustada viu a mulher disse lhe: - ah! Vocês iam fugir pra me deixar aqui sozinha? A mulher ficou sem palavra, a Coxa disse: vai me levar-me bote nas costas. Ela pegou a colher e botou a Coxa nas costas, fora ao encontro do marido. Ao chegarem o marido viu que ela tinha levado a Coxa, ele disse: É! É! É! Você a trouxe de novo?

A esposa disse: - Quando eu puxei a colher, caiu fez barulho que acordou ela.

Os três continuaram sua caminhada passaram dia todo caminhando, como naquele período era de celebração das festas nas cidades, estava tendo festa naquela cidade, chegaram a noite, estavam de passagem, viram a festa, todo mundo dançando no centro da cidade, decidiram assistir as danças um pouco para depois passar.

A Coxa, que estava na costa da mulher, disse para mulher para lhe descer queria dançar um pouco, a mulher sem excitar, a deixou para dançar. A Coxa estava gostando da música,

ficou empolgada na dança, a mulher e seu marido perceberam logo que ela estava amando a música, ela disse ao marido: - Vamos fugir sem que ela perceber. Os dois fugiram, quando foram bem longe daquela cidade, a Coxa percebeu a ausência, começou a lhes procurar, mas não encontrou, disse: - A! Ela teve sorte, nunca mais vai subestimar o seu marido!

N'bangasadi & Djamondi

Havia um homem que era casado com duas mulheres, a primeira se chamava N'bangasadi, a segunda era Djamondi, desde o momento que o homem casou-se com a segunda esposa, ele parou de dar atenção à primeira, ela passou a ser isolada, tudo o que a marido queria pedia para a Djamondi, ela é que organizava tudo em casa, a N'bangasadi ficava triste mas não sabia o que fazer, ele era o seu marido, ela tinha que aguentar com aquela traição na sua cara.

O marido delas era caçador, certo dia ele foi caçar, no caminho da mata viu um pé de fruta que tinha frutas maduras caídos no chão, ele apanhou e levou para casa, passando alguns dias ele foi de novo para apanhar a fruta, encontrou com uma Onça, ele não sabia que aquela fruta era comida pela Onça, quando viu a Onça, ele decidiu combinar com ela para matar a sua primeira esposa N'bangasadi, pois ele não queria mais ela, e queria se livrar dela de algum jeito, achou por bem que fosse dessa forma iria resolver tudo.

O homem falou para: - Onça que manhã de magrugada, vou uma mulher virá aqui, assim que ela chegar lhe come, Onça falou: - tudo bem. O homem apanhou a sua fruta e voltou para casa, ao chegar em casa chamou a primeira esposa, ela foi responder, a Djamondi, ficou muito curiosa em saber porque será que o seu marido chamou a N'bangasadi e não ela, se escondeu atrás da porta para escutar o que o marido vai dizer na outra. O marido falou para N'bangasadi que: - quando eu estava vindo da mata, encontrei um pé de fruta, num local tinha muitas frutas maduras só não peguei porque estava muito cansado, queria que fosse apanhar pra mim amanhã bem cedinho. Ela sem recusar falou: - certo irei.

Eles não sabiam que a Djamondi estava a escutar atrás de porta, antes de nascer do sol a Djamondi saiu para o caminho da mata, ela foi apanhar frutas, porque queria agradar o seu marido, pois ela era a preferida dele, como é que ele foi pedir esse favor logo na N'bangasadi e não nela! O que ela não sabia é que o marido estava tramando para a primeira esposa. Ao chegar do pé da fruta ela viu Onça sentado a espera talvez da N'bangasadi, ou dela, mas como a Onça não conhecia nenhuma das duas partiu por cima dela logo, à matou.

Ao amanhecer, a N'bangasadi saiu para ir percebeu que a outra já tinha ido, ela desistiu de ir logo, pegou na vassoura começou a passar pela casa, o marido saiu do dentro viu ela

fazendo limpeza pela casa, entusiasmado perguntou a ela: - N'bangasadi, por que você não foi apanhar a fruta? Ela respondeu calmamente: - Quando acordei, percebi que a Djamondi já tinha ido, porque ele nos ouviu ontem, quando estavas a falar comigo, desisti de ir logo. O marido assustado falou: - É, É, É! Ela perguntou para ele, - o que foi? Respondeu: Nada.

Ele desceu para o caminho da mata, ao chegar encontrou a Onça do pé da fruta falou logo: - Não era ela que você tinha que matar era a outra, ela nos escutou ontem quando eu estava a falar com a outra, e veio logo de madrugada. A Onça falou para ele: -Mas você não me falou quem eu deveria comer, só me disse que vinha uma mulher hoje, por isso que comi ela. O homem saiu chorando no caminho de volta para casa, ao chegar em casa ele chamou a outra: - N'bangasadi, Djamondi está morta! queria que fosse você, mas ela é que foi comida. N'bangasadi gritou: - Ei! A que ponto chagamos! Você não gosta de mim até ao ponto de me desejar a morte! Você combinou com a Onça para matar. Agora a sua preferida é que morreu, pois, senhor Deus não deixou isso acontecer.

A família da N'bangasadi fora para casa dela, fizeram uma confusão danado com o marido, os vizinhos vieram acalmar a confusão, conversaram com o marido da N'bangasadi e ele pediu perdão a sua esposa e viveram juntos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração do que discutimos ao longo do trabalho, podemos dizer que, a oralidade e o reconhecimento cultural na sociedade africana, tem propósito maior do que os estudos científicos da modernidade veem nela. As tradições orais como uma outra da modernidade, oferece elementos importantes na vida de um indivíduo, de modo que, dentro dela existe a formação educacional de um ser desde criança até na fase adulta. A partir do que vimos, repara-se que, as tradições africanas mesmo com toda esse invisibilidade que a sociedade impõe sobre elas, ainda tem pessoas que lutam para mantê-las vivas, afinal nunca pode se despir da sua própria tradição, mesmo valorizando a outra, nunca se distanciará da sua, pois, ela influencia a vida da pessoa de forma direta e indireta. A oralidade vem nos acompanhando desde a época dos nossos antepassados, e até nas datas presentes ela ainda reina, todo indicio de saberes começou pela oralidade, um exemplo prático disso é que, antes de passar uma ideia pelo papel ou no meio eletrônico, ela passa pelo processo da oralidade, pois os nossos pensamentos são orais, elas só serão uma coisa palpável quando os transcrevemos. A África conhecida como um continente com maioria dos países agrafos, incluindo a Guiné-Bissau, os números da percentagem das pessoas não letrado é maior que os de letrados, no entanto os saberes da oralidade são presentes na vida das pessoas, os conhecimentos são diferenciados, a de tradição oral e de estudos científicos. Com isso este trabalho vem apontando essas diferenças, de uma forma questionável, pois hoje em dia, as pessoas estão valorizando muito as culturas de exterior deixando de lado a sua. No primeiro capítulo do trabalho tratemos sobre os reconhecimentos culturais das tradições orais, e valorização das línguas orais e dos contos populares que trazem os ensinamentos importantes na vida dos guineenses. E falamos também dos conhecimentos dos mais velhos, a herança dos nomes dos heróis, e também discutimos dos privilégios que a escrita contem, e a oralidade não, trouxemos alguns teóricos que discutem essas questões. No segundo capítulo, discutimos sobre a importância da pedagogia tradicional pautada a educação tradicional oral, e pedagogia científica pensado na perspectiva de ensino, no mesmo, pensamos na equidade das duas forma de educar no contexto de ensino na Guiné-Bissau, pois essas duas formas de educação, influencia na vida da pessoa de uma forma muito questionável, dado que muitos se perdem no meio disso, em casa a família fala que uma boa educação é desse jeito, na escola os educadores falam que é de outra forma, isso traz uma grande confusão na formação, pois o ensino guineense não deram oportunidade aos alunos para terem acesso aos materiais didáticos que se enquadra de acordo com realidade do país, os alunos só estudam as histórias e literatura de alguns países da Europa, deixando de lado as suas histórias

e contos. Os mais velhos, para não deixar que os seus ensinamentos revigoram a conta-las aos seus filhos, netos e para comunidade, para manter a essência dos saberes, que são passados de boca para orelha. No terceiro e último capítulo, discutimos sobre a valorização desses contos, quais ensinamentos esses carregam e como as pessoas os recebem em suas vidas, e também a autoafirmação identitária, entre duas identidades o nacional e cultural, trouxemos alguns dados da entrevista de alguns guineenses, que conseqüentemente, as respostas foram positivas, dado que esses contos, histórias orais, são muitos significantes na vida deles.

Em suma, a partir do que debatemos neste trabalho, a risco lançar algumas questões, como podemos fazer para manter essas tradições na nossa sociedade? O que o ministério da educação poderia fazer para mudar o plano curricular nacional do ensino do país? Partindo da perspectiva de alguns pensadores, posso dizer que a sociedade guineense, deveria/deve, pensar em resgate dos saberes que estão sendo eliminados a cada dia, partindo de uma organização de grupos de pesquisa nos bairros para resgates das memórias com os anciões da comunidade, fazendo coletânea de dados. Com base nisso, a educação poderia pegar e peneirar algumas histórias e contos para produzir materiais didáticos para o ensino do país, pois com isso essas duas formas de educação estarão num nível de equidade, muitos pais não precisarão esforçar muito para que seus filhos, aprendam a educação oral.

REFERÊNCIAS

A tradição viva. KI-ZERBO, Joseph. *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. 2. ed. **BÁ, A. Hampaté** rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escomburo: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2007. 422 p. ISBN 9788576171348 (broch.).

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. [8. ed. rev.]. São Paulo: Brasiliense, 2014. 271 p. (Obras escolhidas; 1). ISBN 9788511156287 (broch.).

DEUS, Lilian Paula Serra e. **A” Falescrita” de Odete Semedo**. Disponível em: <<http://nepa.uespi.br/upload/anais/NDAz.pdf?041750>>. acesso 23 ago. 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro, RJ: Lamparina, 2015. 58 p. ISBN 9788583160076 (broch.).

HOUNTONDJI, Paulin J. (Org.). **O antigo e o moderno: a produção do saber na África contemporânea**. Luanda: Mulemba; Mangualde: Pedago, 2012. 466 p. (Coleção Releer África). ISBN 9789898449825 (broch.).

TAVARES, Paula. *Amargos como os frutos Poesia reunida*. Rio de Janeiro: Pelas, 2011.

União Latina. **Multiculturalidade e plurilinguismo: Tradição oral e educação plurilíngue na África de Oeste**. Editora União Latina 2012.

VELASCO, Cristiane. Projeto “Dançando História”. In: *Espetáculo Avoou: contos brasileiros*, 2003.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia: ponto & contraponto**. [2. ed.]. São Paulo: Global, 2014. 72 p. (Coleção Leitura e formação). ISBN 9788526012646 (broch.).